

Duzentos anos com rostinho de vinte

A influência de *Orgulho e preconceito*
em novas produções

IRIS FIGUEIREDO

ecoar



Duzentos anos com rostinho de vinte

A influência de *Orgulho e preconceito*
em novas produções

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor Roberto de Andrade Medronho

Vice-reitora Cassia Curan Turci

Pró-reitoria de graduação Maria Fernanda S. Quintela da C. Nunes

Pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa João Torres de Mello Neto

Pró-reitoria de extensão Ivana Bentes Oliveira

CFCH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Decano Vantuil Pereira

Vice-decano Paulo César Castro de Sousa

ECO - Escola de Comunicação

Direção Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos

Vice-Direção Paulo Roberto Givaldi Vaz

Direção Adjunta de Graduação Maria Alice de Faria Nogueira

Direção Adjunta de Extensão Carine Felkel Prevedello

Projeto de extensão Ecoar - Laboratório experimental de edição

Coordenação Aline Frederico

Conselho Editorial Alda Duarte de Almeida

Aline Frederico

Amaury Fernandes

Andreia Rezende

Claudia Mendes

Isabel Travancas

Mário Feijó

Paulo César Castro

Duzentos anos com rostinho de vinte

A influência de *Orgulho e preconceito*
em novas produções

Iris Figueiredo



CFCH/UFRJ
Rio de Janeiro, 2023



by Iris Figueiredo

Esta obra pode ser copiada e distribuída para fins não comerciais, sempre incluindo a devida citação de autoria e editora. Em caso de remix, transformação ou criação a partir do material, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença do original.

Coordenação editorial

Aline Frederico

Preparação

Aline Mariño, Ariel Fernandes,
Letícia Novaes

Revisão

Ana Beatriz Pinheiro, Camille
Vizzoni, Giovanna Ferreira,
Letícia Novaes

Imagem da capa

Gravura de artista desconhecido
(1873)

Capa

Geovana Vieira, Nayane Souza,
Sabrina Navarro

Produção gráfica

Ana Beatriz Pinheiro,
Camille Vizzoni

Projeto gráfico e diagramação

Angela Teixeira e Julia Barreto

Marketing e divulgação

Ariel Fernandes, Bruna Morais,
Camille Vizzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F475 Figueiredo, Iris.

Duzentos anos com rostinho de vinte: a influência de *Orgulho e preconceito* em novas produções / Iris Maria Figueiredo da Costa. Rio de Janeiro: Ecoar Edições, UFRJ/CFCH/ECO, 2023.

88 p.

ISBN 978-65-88579-14-5 (on-line)

1. Literatura inglesa – Crítica e interpretação. 2. Austen, Jane, 1775 - 1817. 3. Feminismo e literatura. 4. Cultura pop. 5. Mídias sociais. I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 809

Elaborada por: Adriana Almeida Campos

CRB-7/4081

ECOAR EDIÇÕES

Avenida Pasteur, 250 – Praia Vermelha
22290-240 – Rio de Janeiro, RJ Brasil
www.pe.eco.ufrj.br/ecoar
ecoar@eco.ufrj.br

Para a minha avó, Maria de Moura.
Com todo amor do mundo.

“Mas odeio ouvi-lo falar como se todas as mulheres fossem delicadas e não seres racionais. Nenhuma de nós espera navegar por águas calmas a vida inteira.”

Jane Austen, *Persuasão*.

Sumário

Prefácio	11
1. Introdução	15
2. O que ainda faz <i>Orgulho e preconceito</i> relevante?	19
2.1. <i>O caminho de Jane Austen até a publicação</i>	20
2.2. <i>As mulheres de Orgulho e preconceito</i>	22
2.3. <i>O riso em Orgulho e preconceito</i>	30
2.4. <i>O mito do casamento em Orgulho e preconceito</i>	35
3. <i>O diário de Bridget Jones</i> e <i>The Lizzie Bennet Diaries</i>	43
3.1. <i>O diário de Bridget Jones</i>	44
3.2. <i>The Lizzie Bennet Diaries</i>	53
4. Conclusão	67
Referências bibliográficas	71
Duzentos anos de muitas adaptações	79
<i>Outras adaptações</i>	84

Prefácio

Duzentos anos com rostinho de vinte: *A influência de Orgulho e preconceito em novas produções* foi um trabalho desenvolvido por Iris Figueiredo, para a conclusão da graduação em Produção Editorial. A análise proposta pela graduanda engloba uma discussão acerca da importância de *Orgulho e preconceito*, uma obra clássica ainda muito aclamada para as produções contemporâneas. Explorando não só a relação com obras atuais, o livro aborda também a relevância de Jane Austen para o debate feminista – mesmo que, à época, esse termo ainda não fosse empregado. Austen trabalha perspectivas sobre a mulher, em um período de rigorosos preconceitos acerca da participação da figura feminina na sociedade.

Orgulho e preconceito, romance escrito e publicado em 1813, gira em torno da história da família Bennet, cujas duas filhas mais velhas já estão prontas para se apresentar à sociedade. No entanto, Elizabeth, a segunda filha mais velha, tem expectativas diferentes para si mesma, rejeitando as convenções de seu tempo. É nessa trama que ela conhece Mr. Darcy, um homem rico e arrogante, por quem nutre um sentimento próximo ao ódio, apesar de ele ser considerado um “bom partido” para um casamento, na visão da sociedade da época. Partindo desse princípio, uma série de questões são levantadas por Figueiredo a respeito da figura emblemática de Elizabeth, como o riso e o mito do casamento. *Pride*

and Prejudice (título original) é uma obra atemporal, que possui múltiplas facetas, que serão exploradas na análise proposta por Iris Figueiredo.

A escolha deste título como a primeira publicação da Ecoar edições - laboratório experimental de edição do curso de Produção Editorial da UFRJ se baseia no fato de que a obra de Jane Austen é amada e debatida entre os jovens, tendo em vista a grande quantidade de produções atuais que são inspiradas por essa história. Essa relevância tem um destaque na obra de Iris Figueiredo, e perpassa por diferentes pontos para entender o porquê de uma obra tão antiga ser considerada tão importante até os dias de hoje. Por esse motivo, não só *Orgulho e preconceito*, mas também a análise proposta em *Duzentos anos com rostinho de vinte*, são relevantes para a complementação dos estudos acerca da literatura de Austen.

A notoriedade no argumento de Figueiredo está no método de análise da obra original e sua comparação com obras posteriormente influenciadas por ela, a fim de formar uma ligação que independe do contexto histórico dessas publicações. A avaliação é fundamentada pela teoria literária, buscando incluir – e em certos pontos, privilegiar –, a experiência do leitor dentro do corpo analítico. Ao trabalhar com a estética da recepção, ou seja, ao observar o efeito que determinada obra causa em sua audiência – considerada, aqui, a principal encarregada da atribuição de sentidos na leitura – a autora passa por diversas abordagens na sua corrente de pensamento: primeiramente, observado no marxismo, sua associação entre o sistema econômico e a leitura; ganhando base no formalismo russo, chega a Hans Robert Jauss, em quem a autora se apoiou para desenvolver sua metodologia

da adição do estudo do leitor e seu repertório nas análises literárias. Em síntese, sua concepção esclarece o sucesso, que atravessa os séculos, de *Orgulho e preconceito*: apesar das grandes mudanças históricas ocorridas nesses duzentos anos, o clássico segue proporcionando uma colisão entre a temática da narrativa e o repertório dos leitores.

1. Introdução

Em 2013, foi comemorado o aniversário de duzentos anos de *Orgulho e preconceito*, romance publicado por Jane Austen em 1813. No mesmo ano, a BBC lançava uma minissérie de TV intitulada *Death Comes to Pemberley* (2013), enquanto o filme *Austenlândia* (2013) estreava nos cinemas. A websérie *The Lizzie Bennet Diaries* (2012) chegava ao fim e ganhava um *Emmy*, enquanto duas outras eram lançadas em sequência: *Welcome to Sanditon* (2013) e *Emma Approved* (2013), ambas aproveitando o bom desempenho da primeira no ambiente virtual. Helen Fielding publicava o polêmico *Louca pelo garoto* (2013), terceiro volume da série de livros iniciada na década de 1990 com *O diário de Bridget Jones*. O título causou burburinho nas redes sociais pela morte de Mark Darcy, deixando a querida Bridget viúva.

Uma comédia romântica; uma websérie, em que o formato transmídia era a principal ferramenta para contar a história; uma série de TV sobre um assassinato; um livro sobre uma mulher viúva que se apaixona outra vez. O que esses acontecimentos têm em comum? Todas as produções foram influenciadas, direta ou indiretamente, pela obra de Jane Austen, especialmente pelo romance *Orgulho e preconceito*.

Ainda em 2013, o rosto de Austen passou a estampar notas de dez libras no Reino Unido, após o Banco da Inglaterra decidir remover a filantropa Elizabeth Fry das notas de cinco li-

bras. Com as mulheres protestando, já que não haveria nenhuma mulher para representá-las no papel-moeda (WILLIAMS, 2013), Austen ganhou espaço e uma nota só para ela.

Esses são apenas alguns entre vários acontecimentos envolvendo o nome da autora inglesa em 2013, mas isso não significa que ela estava em voga apenas pelo bicentenário de seu romance mais conhecido. Ao olharmos para alguns anos antes, conseguimos ver que sua obra continua a influenciar artistas. *O diário de Bridget Jones* foi publicado por Hellen Fielding em 1996, um ano depois da estreia da minissérie da BBC, *Orgulho e preconceito* – segunda adaptação da emissora para o romance, que em 1980 já havia exibido outra minissérie adaptada. Em 2004, o cinema indiano – cheio de música, de danças e de cores –, também prestou uma homenagem à Austen, com o filme *Noiva e preconceito*, uma versão ambientada entre a Índia e a Inglaterra. Em 2005, o cineasta Joe Wright adaptou novamente *Orgulho e preconceito* para as telas do cinema – há ainda uma adaptação de 1940, com roteiro de Aldous Huxley (autor do clássico *Admirável mundo novo*, de 1932).

A lista é extensa, incluindo filmes, livros, séries de TV, peças de teatro e musicais. Além disso, adaptações diretas, versões ou apenas obras que se aproveitaram de características encontradas na história de amor entre Fitzwilliam Darcy e Elizabeth Bennet. Jane Austen e *Orgulho e preconceito* exercem uma forte influência na cultura pop. Mas, por quê?

Essa é a pergunta que move este trabalho. Austen continua a inspirar gerações de criadores de conteúdo; mas o que há em seu livro que ainda dialoga com o público, mesmo com a distância histórica e cultural que nos separa da realidade na qual o romance foi concebido?

Através da leitura de *Orgulho e preconceito*, buscaremos localizar a mulher na obra de Jane Austen. Embasados na literatura de Virginia Woolf, de Naomi Wolf e de Simone de Beauvoir, definiremos em quais momentos do romance os papéis de gênero preestabelecidos são subvertidos ou fortalecidos. Também faremos uma análise sobre a visão expressa a narrativa acerca do casamento e do riso. Para tal, pesquisas sobre Jane Austen e feminismo, além de artigos de jornais e de sites especializados, foram usadas ao longo do texto.

Ao fim, analisaremos dois objetos que foram criados a partir de *Orgulho e preconceito*: o romance *O diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding, e a websérie *The Lizzie Bennet Diaries*, idealizada por Hank Green e Bernie Su. As duas produções sofreram forte influência da obra de Austen, uma delas sendo uma versão modernizada do romance.

Após contextualizarmos as produções, faremos uma comparação entre os enredos e os personagens das obras adaptadas com os de *Orgulho e preconceito*. Também discorreremos sobre as soluções adotadas para a modernização da obra em *The Lizzie Bennet Diaries* e em *O diário de Bridget Jones*, visando transportar para o cenário atual as questões levantadas pelo romance de Austen. Na última etapa, usaremos artigos de jornais, reportagens, entrevistas com atores e produtores etc., além da análise do material – no caso, o primeiro volume da série de livros *O diário de Bridget Jones* e a websérie *The Lizzie Bennet Diaries*.

2. O que ainda faz *Orgulho e preconceito* relevante?

Através da análise dos personagens e diálogos de *Orgulho e preconceito*, este capítulo busca localizar elementos presentes na obra de Jane Austen que dialogam com o leitor contemporâneo. O riso e como ele é empregado por diferentes personagens na trama é um dos pontos destacados. Para isso, nos apoiaremos em Mary Russo e na análise feita por Elvira Casal sobre o humor e o riso em *Orgulho e preconceito*. Por último, buscaremos entender a importância do matrimônio para o enredo e como o mito do casamento se manifesta no romance. Neste trecho, relacionaremos o comportamento dos personagens no que diz respeito ao matrimônio à maneira como autores como Virginia Woolf, Naomi Wolf e Anthony Giddens veem o amor e o casamento, trabalhados a partir da definição de mito de Roland Barthes.

Ao localizarmos esses elementos e os relacionarmos ao ambiente contemporâneo, poderemos, neste capítulo, compreender o que é aproveitado em versões, modernizações e adaptações do romance de Jane Austen, mantendo o diálogo da obra com o público contemporâneo.

2.1. O caminho de Jane Austen até a publicação

Publicado em 1813, *Orgulho e preconceito* é a obra mais popular da escritora inglesa Jane Austen e um dos mais importantes romances da literatura inglesa e mundial. Duzentos anos após sua publicação, a narrativa de Austen ganhou diversas adaptações e versões, inspirando até mesmo novas obras para o público feminino. Uma rápida busca na rede social Goodreads (2023) – uma plataforma virtual para interação entre leitores –, revela uma lista criada por usuários com mais de 519 livros influenciados pela história de amor entre Fitzwilliam Darcy e Elizabeth Bennet. Nesse contexto, é possível afirmar que *Orgulho e preconceito* é uma obra que atingiu a evolução literária comentada por Jauss (1970), pois continua a dialogar com o leitor dois séculos após sua publicação.

O romance narra a história de Elizabeth Bennet, segunda filha de uma família de cinco meninas. A Mrs. Bennet, progenitora do clã, almeja encontrar um homem rico para se casar com cada uma de suas filhas, garantindo a elas um futuro sem complicações financeiras. Elizabeth é uma jovem educada, versada e com um temperamento bem diferente das suas irmãs – como Lydia, que por vezes é retratada por Austen como uma jovem fútil, ou Jane, a irmã mais velha, descrita como a mais bela e delicada entre as cinco, que costuma chamar maior atenção do sexo oposto.

Apesar de ter sido publicado apenas em 1813, *Orgulho e preconceito* foi concluído anos antes, em 1797, com o título inicial de *First Impressions*. Inicialmente rejeitada, a obra só foi lançada devido à popularidade do primeiro romance da

autora, *Razão e sensibilidade* (ou *Razão e sentimento*), publicado em 1811.

Popularidade, nesse caso, foi o resultado da venda, na primeira edição de *Razão e sensibilidade*, de um total de 750 exemplares, um número relativamente bom para a época e suficiente para que Austen conseguisse publicar seu segundo romance. Em seu ano de lançamento, *Orgulho e preconceito* atingiu cerca de 1.750 cópias, se tornando a obra mais popular da autora, que se tornou “moda” entre os leitores da época (BARBOSA, 2013, p. 129).

[...] em vida, Austen vendeu em torno de cinco mil exemplares de quatro livros, tiragem hoje maior que a inicial para um livro no Brasil (3 mil exemplares, em média) e muito inferior à tiragem contemporânea de um romance nos EUA ou na Inglaterra. Apesar de esgotar algumas edições e ser “moda” Austen não foi a autora mais popular de sua geração, um momento “quando oportunidades para mulheres publicarem nunca haviam sido maiores” (FERGUSS, 2008 apud BARBOSA, 2013, p. 129, p. 13).

Apesar de sua insistência em ser publicada, se Austen pudesse viver para ver a popularidade que seus livros atingiram anos após sua morte, ela certamente não acreditaria na dimensão atingida por seu romance mais popular – e também por seus outros trabalhos. Traduzida para diversas línguas, seus livros chegaram à plataformas que sequer existiam quando *Orgulho e preconceito* foi inicialmente publicado. Com adaptações cinematográficas desde a indústria de *Hollywood* (*Orgulho e preconceito*, 2005) até versões musicais de *Bollywood* (*Noiva e preconceito*, 2004), Austen continua mais viva e popular do que nunca, habitando vários cenários da cultura pop.

2.2. As mulheres de *Orgulho e preconceito*

A figura feminina é presença constante no romance de Austen. Não há apenas um tipo de mulher retratada nas páginas de *Orgulho e preconceito* – em uma única família são retratadas diversas mulheres, todas diferentes entre si, apresentando-se, cada uma, à sua maneira. Jovens, adultas, inconsequentes, comportadas, fofoqueiras, determinadas, geniosas, dóceis e gentis: todas essas personalidades distintas se encontram, por vezes manifestadas em uma mesma personagem. Em *Orgulho e preconceito*, cada mulher é única, com diversas facetas que se manifestam de acordo com a situação que a vida lhes apresenta.

Foi no final do século XVIII, quando Austen terminou o primeiro rascunho do que viria a ser *Orgulho e preconceito*, que os primeiros traços do que mais tarde seria o movimento feminista surgiram. Embora haja controvérsias, muitos autores defendem que os ideais sobre o papel da mulher na sociedade ocidental começaram a entrar em discussão a partir de ideias de intelectuais como a inglesa Mary Wollstonecraft, autora de *Vindications of the Rights of Woman*, de 1792, cinco anos antes de Austen concluir a primeira versão da obra, ou a francesa Olympe de Gauges, que defendia os direitos da mulher na política e, além disso, escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (ZIRBEL, 2007).

Não há nenhuma comprovação que Austen tenha entrado em contato com esses trabalhos, mas é provável que alguns questionamentos sobre o papel feminino na sociedade à época já atingissem algumas classes sociais inglesas. Porém, se sabe que Austen teve contato com a obra e foi influenciada por

Fanny Burney, uma autora que, assim como Mary Wollstonecraft, discutia o papel da mulher na sociedade. Austen fazia constantemente referência a Burney em cartas direcionadas à irmã, Cassandra. Além disso, afirma-se que a autora se inspirou no último capítulo do romance *Cecilia*, de Burney, para nomear *Orgulho e preconceito*. (AUSTEN-LEIGH, 1913 apud KINOSHITA, 2013, p. 19-20).

Austen exprimia, através da literatura, suas considerações sobre o que julgava certo ou errado no que tange o papel exercido pela mulher na sociedade. A forma como Jane Austen constrói suas personagens femininas é um ponto de partida para analisarmos como a autora enxergava a posição social ocupada pela mulher. Elizabeth Bennet, protagonista da trama, é o principal exemplo de uma personagem feminina que fugia dos padrões estabelecidos pela sociedade. Quando descrita por outras mulheres na história, que pertencem a uma classe social diferente da sua, Elizabeth é alvo de críticas e de comentários duros a respeito do seu comportamento impulsivo, considerado inadequado para uma dama.

[...] Depois do jantar Elizabeth voltou imediatamente para perto de Jane e, assim que saiu da sala, Miss Bingley começou a falar mal dela. Não achava boas as suas maneiras. Revelaram, a seu ver, um misto de orgulho e impertinência. Ela não sabia conversar, não tinha estilo, gosto e nem beleza. (AUSTEN, 2011, p. 40)

Mais tarde, no mesmo capítulo, um diálogo entre os personagens – todos, à exceção de Elizabeth, membros da classe social mais alta – coloca em pauta as características que a alta sociedade esperava da mulher daquela época.

[...] – Nenhuma mulher pode ser realmente considerada completa se não se elevar muito acima da média. Uma mulher deve conhecer bem a música, deve saber cantar, desenhar, dançar e falar as línguas modernas a fim de merecer esse qualificativo, e além disso, para não o merecer senão pela metade, é preciso que possua um certo quê em sua maneira de andar, o tom da voz e no modo de exprimir-se.

– Sim, deve possuir tudo isso – acrescentou Darcy. – E acrescentar ainda alguma coisa mais substancial: o desenvolvimento do seu espírito pela leitura intensa.

– Já não me espanto de que conheça apenas seis mulheres completas, espanto-me é de que conheça alguma.

– Julga com tanta severidade o seu sexo, que duvida da possibilidade de tudo isto?

– Eu nunca vi uma tal mulher. Nunca vi tanta capacidade de aplicação, gosto e elegância reunidas numa só pessoa. [...]

– Eliza Bennet – disse Miss Bingley, assim que a porta se fechou – é uma dessas moças que procuram se fazer aos olhos das pessoas do outro sexo falando mal do seu próprio; e muitos homens se deixam enganar por isto. Mas, na minha opinião, é um estratagema muito baixo. (AUSTEN, 2011, p. 44-45).

Apesar de ter talento para a música e se interessar por literatura, Elizabeth foge do padrão que Miss Bingley considera adequado para uma dama que deseje fazer parte da aristocracia. A posição social era de suma importância na Inglaterra georgiana. Miss Bingley, apesar de possuir fortuna, deseja se casar com Mr. Darcy para atingir o status social que não veio atrelado ao dinheiro adquirido por seu pai. Manter as aparências e um comportamento padronizado é a maneira que ela encontra para atingir seu objetivo. O comportamento adotado por ela pela personagem é oposto ao de Elizabeth.

Enquanto a segunda não parece se importar com o que irão pensar a respeito de suas atitudes, o discurso da primeira é moldado em busca da aprovação de Mr. Darcy. Ao contrário de Miss Bingley, Elizabeth não demonstra se importar com o que é *esperado* de uma dama, mas prefere agir dentro do que julga certo, independentemente do que outros possam pensar a respeito.

Quando caminha sozinha até Netherfield, sujeita a todos os tipos de dificuldades em seu caminho, Elizabeth não se preocupa em parecer apresentável ao chegar em seu destino. Sua única preocupação reside na irmã, que se encontra na mansão e está debilitada.

No discurso de Elizabeth, é possível notar que enquanto Miss Bingley e Mr. Darcy a julgavam inadequada por não concordar com o pensamento de ambos, ela também assumia uma posição de julgamento em relação a eles. A Miss. Bennet não se opunha ao discurso por achar, de fato, que nenhuma mulher fosse capaz de ter todas as qualidades citadas, mas sim por ambos esperarem uma mulher completa que no fim das contas serviria como um adorno social para o marido. A fala de Elizabeth é sarcástica e demonstra seu descontentamento com o posicionamento de Mr. Darcy e de Miss Bingley.

Segundo Kinoshita (2013, p. 32-35), a educação feminina à época consistia em uma série de ensinamentos domésticos que tornassem a mulher uma esposa ideal, sempre educadas priorizando o matrimônio. Elas deveriam saber receber os convidados – qualidade traduzida em saber cantar e tocar algum instrumento, por exemplo, a fim de entreter as visitas –, ter boas maneiras – o que Mr. Darcy traduz como a forma de andar ou o tom de voz usado ao falar –, entre outras caracterís-

ticas que a colocavam em uma posição idealizada. A educação formal era prioridade dos homens, enquanto muitas mulheres eram alfabetizadas em internatos ou em suas próprias casas. As de classes mais altas contavam com a ajuda das governantas em sua educação, que lhes ensinavam a bordar e a desenvolver outras habilidades consideradas femininas. Mulheres que não se enquadrassem nesses padrões e não viessem de uma família com boa reputação, não eram consideradas boas esposas.

Outra figura feminina marcante na trama é Lydia Bennet. Mais jovem entre as cinco irmãs, Lydia é descrita por Austen (2011) como impulsiva. Isso reflete claramente na relação amorosa que a personagem desenvolve com Mr. Wickham, com quem chega a fugir e é obrigada a se casar.

Para Paula Byrne (2013), Lydia é uma das personagens secundárias mais interessantes criadas por Austen, um claro exemplo de como a autora tinha um pensamento não convencional sobre o espaço ocupado pela mulher na sociedade. Enquanto a Mrs. Bennet ou a Miss Bingley repetiam discursos tradicionais, reforçando a ideia de uma dama educada apenas em busca de um bom casamento, é através das jovens da família Bennet que Austen manifesta seu descontentamento com o ideal criado ao redor da mulher.

Enquanto Elizabeth deixa clara sua opinião a respeito da idealização do arquétipo feminino em seus comentários, Lydia demonstra não se importar com os padrões à medida que exerce livremente seu desejo em relação à Wickham. Introduzida na sociedade muito cedo pela própria mãe (AUSTEN, 2011, p. 50), Lydia é descrita como “forte e desenvolvida”, mas também “dotada de muita vitalidade e de uma espontaneidade que se transformara em segurança” (AUSTEN, 2011,

p. 50). Lydia tinha consciência de si própria, dos seus atributos físicos e usava esse poder, deliberadamente, para chamar atenção dos oficiais. É através da impulsividade de Lydia que ela coloca em pauta o desejo e a liberdade que o sentimento de paixão proporciona à personagem.

Em certa ocasião, Lydia solicita à sua empregada que “repare uma fenda em minha camisola de musselina”. Não precisamos ser freudianos para reconhecer uma imagem chocante de sua transgressão sexual. A “fenda” de Lydia não pode ser reparada, exceto por um casamento forçado, que é exatamente o que acontece, embora ninguém seja realmente enganado pelo “negócio reparado”. Austen permite que Lydia seja livre de arrependimento ou vergonha. (BYRNE, 2013)¹

Apesar de encontrar um julgamento moral através da figura do Mr. Collins, que sugere ao Mr. Bennet que deixe Lydia lançada à própria sorte, colhendo frutos de que ele qualifica como “ato inconsequente”, Lydia tem a sorte de encontrar o que ela encara como felicidade, ficando, enfim, com Wickham (BYRNE, 2013).

A mulher que viaja sozinha, a (anti)heroína que ousa desgarrar-se. Não poderia haver outra solução para Lydia senão um casamento que tente abafar o descaminho sexual. Lizzie, a que fica (assim como Jane, que também fica – e é ainda mais imanente que a irmã), é premiada com um

1 Tradução da autora para original em inglês: “On one occasion, Lydia sends a request to her maid that she should ‘mend a great slit in my worked muslin gown’. We do not have to be Freudians to recognize a shocking image of her sexual transgression. Lydia’s ‘slit’ can’t be mended, except by a forced marriage, which is exactly what happens, though no one is fooled by the ‘patched-up business’. Austen allows Lydia to be free from repentance or shame.”

casamento no qual pode se dar ao luxo de amar; um casamento com um homem rico. Ela é a virgem. (BARBOSA, 2013, p. 140)

Ainda que Lydia não encare sua condição como um castigo, é evidente a diferença entre os destinos de Jane e Elizabeth e o da caçula dos Bennet. Enquanto as irmãs mais velhas são realizadas em seus casamentos e vivem em boa condição financeira – uma espécie de prêmio concedido por Austen pela boa conduta das personagens no desenvolvimento do romance –, Lydia depende, ao final, da caridade das irmãs para se manter ao lado de Wickham, buscando constantemente apoio financeiro pois ela e o marido não conseguem se manter por conta própria (AUSTEN, 2013, 52%²).

Como o próprio romance destaca, “O modo de vida deles, mesmo quando a restauração da paz lhes fez perder o lar, era desajustado ao extremo.” (AUSTEN, 2013, 52%). Lydia aparenta não ter amadurecido durante a trama, mas não demonstra estar arrependida de suas escolhas. Sua inconsequência – que a levou a cometer diversos erros durante o romance – permanece até o fim, como um traço da sua personalidade. Não é seu desvio de comportamento que lhe garante uma vida dependente das irmãs, mas sim a insensatez dela e de Wickham, que querem viver uma vida de luxos que não condiz com a condição social que ocupam.

2 Foram utilizadas duas versões do romance para consulta: uma edição física em português e uma edição bilíngue em e-book, ambas listadas nas referências bibliográficas. Como o e-book não possui a paginação original, optamos por apresentar a porcentagem exibida pelo aplicativo onde normalmente costumamos nos referir à página onde o trecho pode ser localizado. Essa opção foi utilizada sempre que nos referimos a um e-book sem paginação.

Essa liberdade na educação das irmãs Bennet – a qual permitiu Lydia fugir com Wickham – assusta aos que convivem com a família, como Lady Catherine de Bourgh. Ela se choca, pois as meninas “nunca tiveram governantas e as mais jovens frequentam bailes antes que as mais velhas se casem” (KINOSHITA, 2013, p. 30). Além disso, a fuga de Lydia com Wickham pode ser considerada uma mancha na reputação dos Bennet e algo prejudicial para o casamento das outras irmãs da família (KINOSHITA, 2013, p. 30). Os personagens em *Orgulho e preconceito* constantemente erram em seus julgamentos. Apesar dessas atitudes afetarem os rumos que cada um deles toma, não há juízo da parte do narrador.

Orgulho e preconceito é uma história sobre amor, casamento e *status* social, mas a autora não se intimida ao brincar com os padrões vigentes. A Mrs. Bennet e sua obsessão casamenteira, por exemplo, é por vezes criticada pela autora. Ela é descrita como “uma senhora dotada de inteligência medíocre, pouca cultura e gênio instável” (AUSTEN, 2011, p. 11), cuja única preocupação na vida era casar as filhas e se ocupava em fofocar e visitar outras casas nas horas vagas.

Não significa que Austen visse as mulheres que se encaixavam nos padrões sociais com maus olhos. Uma das personagens mais queridas da trama, Jane Bennet, se adequa quase perfeitamente à descrição da mulher ideal feita por Mr. Darcy e Miss. Bingley. A mais bela entre as cinco, logo chama atenção do Mr. Bingley e é pedida em casamento. O que Austen critica não é o desejo de se casar, mas sim de se opor àqueles que escolheram não se comportar do mesmo modo. É nisso, na verdade, que reside o “feminismo” de Austen (entre aspas pelos motivos previamente explicados):

ela critica a posição idealizada ocupada pela mulher na sociedade patriarcal na qual estava inserida, ironizando esse papel através dos personagens que cria. A partir disto, Austen defende um direito fundamental de todo ser humano: o de fazer as próprias escolhas.

2.3. O riso em *Orgulho e preconceito*

Como visto no segundo tópico deste capítulo, a postura de Elizabeth Bennet demonstra que ela não está exatamente preocupada com a impressão que os cavalheiros que a cercam possam ter a seu respeito. Elizabeth demonstra, durante a trama, uma certa consciência de si mesma e do espaço que ocupa. Seu posicionamento demonstra que a personagem não tem medo de se expor ao que o outro considera como ridículo.

Voltando ao trecho em que Caroline Bingley critica a chegada da Miss Bennet à Netherfield, uma fala seguinte da personagem logo demonstra a estranheza que o comportamento de Elizabeth causava às outras mulheres.

– Andar três ou quatro milhas, ou cinco milhas, ou lá o que seja, com os tornozelos metidos na lama, e sozinha, inteiramente sozinha! Que significa isto? Parece-me mostrar um conceito abominável de independência, uma indiferença toda campestre da mais elementar decência. (AUSTEN, 2011, p. 41)

A despreocupação de Elizabeth incomoda. E tal fato se dá porque ela parece não se importar em se expor a uma situação que foge do que é considerado correto e decente. Se Elizabeth fosse um homem, não haveria problema em seu comportamen-

to. O fato de ter se deslocado sozinha e chegar ao destino com a aparência dismantelada se torna um problema por ser considerado um comportamento inadequado para uma mulher.

Como a própria Caroline corrobora, uma mulher deve saber qual tom de voz usar, como se portar e até mesmo aprender um determinado modo de andar (AUSTEN, 2011). Para Mary Russo (2000, p. 69), socialmente a ideia de “expor-se” é um risco feminino, como uma “espécie de descuido e perda da noção de limites”, como se a mulher devesse ter cuidado constante com seu comportamento para não falar mais alto do que o devido, falar da forma correta, controlar o riso etc.

Esse, porém, não parece ser um problema que atinja Elizabeth. Apesar de estar ciente de como seu comportamento causa estranhamento e incomoda os demais, as atitudes da personagem ao longo do romance demonstram que ela não se incomoda com o fato. Não há, na personagem, uma preocupação constante em agradar ou guardar sua opinião quando discorda de algum comentário.

Sobre Elizabeth não se preocupar em impressionar Mr. Darcy, Elvira Casal (2001) destaca outro diálogo entre Elizabeth e Caroline, em que a dupla comenta sobre o riso. O diálogo segue abaixo:

[...] “Nós todos podemos importunar e castigar alguém. Provoque-o – ria dele. Íntimos como são, você deve saber como isso deve ser feito.”

“Mas, pela minha honra, eu não sei. Asseguro-lhe de que minha intimidade ainda não me ensinou isso. Provocar a tranquilidade de modos e a presença de espírito! Não, não – sinto que lá ele poderá resistir a nós. E, quanto ao riso, não nos exporemos, se quiser, tentando rir sem motivo. O Sr. Darcy poderá ficar muito satisfeito.” “Não devem

rir do Sr. Darcy!” exclamou Elizabeth. “Trata-se de uma vantagem incomum e incomum espero que continue a ser, pois seria uma grande perda para mim ter tantos conhecidos como esses. Eu aprecio encarecidamente uma risada.” (AUSTEN, 2013, 9%)

Para Casal (2001), está implícito no discurso de Caroline que ela não pode rir de Mr. Darcy por considerá-lo superior social e intelectualmente, ao passo que Elizabeth não se intimida por Mr. Darcy e louva o riso. A pesquisadora considera *Orgulho e preconceito* um romance que celebra o riso. Essa celebração mencionada por Casal está implícita ao longo do romance, em que o riso se faz sempre presente, apesar de constantemente ser considerado inadequado. Numa frase de Elizabeth, ainda no mesmo diálogo, quando ela se dirige a Mr. Darcy, está implícito seu apreço pelo bom humor quando diz que “desatinos e bobagens, extravagâncias e contradições” a divertem (AUSTEN, 2013, 9%).

Reações à risada feminina na época de Jane Austen eram bem diferentes de hoje. Muitos dos contemporâneos de Austen viam a risada – tanto de homens quanto de mulheres – como vulgar. Pois a risada estava conectada à irreverência em relação a autoridade e falta de autocontrole, até mesmo cavalheiros eram desencorajados a rir. A risada feminina, particularmente, estava, por um lado, associada à loucura, e por outro, à agressividade. De qualquer maneira, uma mulher que ria muito era indelicada. (CASAL, 2001)³

3 Tradução da autora para original em inglês: “Attitudes towards women’s laughter were very different in Jane Austen’s time from what they are now. Many of Austen’s contemporaries saw laughter—in either men or women—as vulgar. Because laughter was connected to irreverence towards authority and lack of proper self-control, even gentlemen were discouraged from laughing. Fe-

A risada é exibicionismo e muitas vezes relacionada à sexualidade, o que tem a ver com a ideia de exposição comentada por Mary Russo (2000, p. 69). Tanto que a personagem que mais ri – Lydia – é a personagem que comete uma transgressão sexual (CASAL, 2001). Sua risada é sexualizada, enquanto a de Elizabeth é debochada, uma risada de oposição e de empoderamento. Quando a personagem ri, ela se posiciona. A risada de Elizabeth Bennet é uma forma de poder.

Quando Caroline Bingley ri, sua risada também assume uma conotação sexual. O riso de Miss Bingley – por vezes incrédulo quando Darcy se refere à Elizabeth – é tímido, mas há uma sugestão implícita de conquista. Ela ri para flertar com Mr. Darcy e chamar sua atenção (CASAL, 2001).

Austen estava ciente da diferença entre o riso e o sorriso e, durante o andamento do romance, os dois gestos são diferenciados. O sorriso é aceito por ser uma demonstração educada e contida de satisfação e felicidade, ao passo que a risada é o oposto.

O sorriso, então, é frequente no rosto de Jane, a personagem mais educada e carismática da trama. Já para Mr. Darcy, um personagem que evita demonstrar seus sentimentos a qualquer custo, o sorriso é o único gesto aceitável para exprimir intensa satisfação com algo. Arrancar um sorriso de Fitzwilliam Darcy é prova de que ele realmente se agrada daquilo que lhe fez sorrir.

Enquanto isso, duas das personagens com modos mais “selvagens” não contêm suas risadas. O riso debochado e perspicaz de Elizabeth não se iguala ao riso inconsequente de Lydia, mas as iguala em outra perspectiva: tanto Lydia quanto

male laughter in particular was associated with folly on the one hand or misplaced aggressiveness on the other. Either way, too much laughter from a woman was indelicate.”

Elizabeth são julgadas por alguns em virtude da sua personalidade e a forma como riem faz parte dela. A risada serve ao propósito de construir personagens, mas empregada de modo que exprimam significados diferentes.

Em certos trechos, Austen destaca a diferença entre o riso e o sorriso, deixando claro que os dois possuem um simbolismo diferente no romance. Casal (2001) destaca a carta que Elizabeth escreve para sua tia, na qual a personagem associa sua felicidade ao fato de rir constantemente. Sobre isso, a personagem escreve: “Sou a pessoa mais feliz do mundo. Talvez outras pessoas tenham dito isso antes, mas não com tanta justiça. Sou mais feliz do que Jane; ela apenas sorri, eu rio.” (AUSTEN, 2013, 51%)

É o humor de Austen que traz leveza à trama. Não é um humor tolo, a autora demonstra que tanto ela quanto seus personagens compreendem o peso e o valor de cada piada presente. Ela usa o humor, o sarcasmo e a ironia como figuras de linguagem para construir seu romance. Quando seus personagens se referem ao riso, a autora deixa evidente sua compreensão acerca da importância desse elemento para criar os efeitos pretendidos.

O riso tem, durante toda a história, um papel importante para a construção do enredo e dos personagens. A maneira como riem reflete traços de suas personalidades, ajudando o leitor a prever e compreender o comportamento e o papel de cada um deles. O riso, então, se transforma numa maneira de interpretar como cada indivíduo se porta socialmente, além da sua personalidade. Ele demarca mudanças, estados de espírito e pode ser fonte de poder.

2.4. O mito do casamento em *Orgulho e preconceito*

“É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de uma esposa.” (AUSTEN, 2011, p. 9). É a partir dessa afirmação que Austen abre seu romance mais célebre.

O casamento é o que movimenta a história, desde a primeira até a última página. Discussões sobre o tema estão presentes na fala de todos os personagens e, no decorrer do romance, as mais variadas representações do assunto são colocadas em pauta.

O primeiro contato que o leitor possui sobre a visão de um personagem a respeito do casamento é a icônica frase que abre o livro, a qual deixa implícito que a esposa funciona para o homem como uma espécie de acessório. Era desejável que o homem encontrasse uma esposa para complementar sua vida, ao passo que para a mulher não havia muitas escolhas além do casamento.

O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido – em certos casos, de um protetor – é para ela o mais importante dos empreendimentos. (BEAUVOIR, 1967, p. 67)

O matrimônio – assim como a maternidade – era encarado socialmente como o evento que permitia à mulher alcançar sua plenitude. O principal objetivo da mulher de-

veria ser o casamento, por isso a educação feminina, quando existente, buscava formar esposas. As mulheres eram educadas para o matrimônio, para serem esposas ideais (KINOSHITA, 2013).

No início do século XIX, caso a mulher casada fizesse fortuna, o dinheiro não era seu, mas sim do marido (WOOLF, 2014, p. 37), pois a mulher casada se tornava propriedade do parceiro, a quem cabia a obrigação de lhe manter. Os direitos da mulher eram restritos e muitas viam no casamento a única opção possível para que pudessem ocupar um lugar na sociedade. Era frequente que se casassem, não pelo que Anthony Giddens (1992) classifica como “amor confluyente”, mas por necessidade. Por vezes o casamento poderia acontecer pelo que é chamado por Giddens de “amor romântico”, que possui um caráter diferente.

O amor romântico há muito tempo tem mostrado uma qualidade igualitária, intrínseca à ideia de que um relacionamento pode derivar muito mais do envolvimento emocional de duas pessoas do que critérios sociais externos. *De facto*, no entanto, o amor romântico é completamente desvinculado do poder. Muito frequentemente os sonhos de amor romântico das mulheres tem conduzido a uma severa sujeição doméstica. O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. (GIDDENS, 1992, p. 73)

A preocupação com o amor – fosse ele romântico ou confluyente – assumia um plano secundário quando o principal objetivo do matrimônio era, para muitas, prover segurança. Durante muito tempo, a vida da mulher estava estruturada ao redor do casamento, mesmo que não fosse casada (GID-

DENS, 1992, p. 64). Suas qualidades, decisões, condição financeira e educação eram definidas pelo matrimônio. É por esse motivo que a Mrs. Bennet se preocupava tanto em casar suas filhas: ela quer garantir às jovens um futuro, caso seu marido faleça. A possibilidade de que suas terras sejam herdadas por Mr. Collins, primo de seu marido, a assusta. Ela define essa ansiedade como “a coisa mais dura neste mundo, que sua propriedade seja alienada de suas próprias filhas” (AUSTEN, 2013, 9%). Sua obsessão com o matrimônio é traduzida pela preocupação de que suas filhas não consigam se manter por conta própria no futuro.

É sempre difícil descrever um mito; ele não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem nunca postar-se diante delas como um objeto imóvel. É por vezes tão fluido, tão contraditório que não se lhe percebe, de início, a unidade [...]. (BEAUVOIR, 1970, p. 183)

O casamento é um mito que prega a plenitude. Socialmente, cria-se a noção de que ao se casar, a mulher não apenas será feliz e realizada, mas o casamento também é apresentado como a solução para qualquer outro possível problema, lhe garantindo segurança futura. “[...] o mito não é uma mentira nem uma confissão: é uma inflexão” (BARTHES, 1993, p. 150), ele é construído através de fragmentos históricos da verdade e se apresenta como inquestionável – mesmo que logo em seguida, ao analisá-lo, o destinatário o questione e o desmonte:

[...] todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito considera a significação como um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema fatural, quando é apenas um sistema semiológico. (BARTHES, 1993, p. 152)

A força do mito reside em sua apresentação, ele é construído como uma verdade. A Mrs. Bennet acredita fortemente que o casamento é a melhor solução para que suas filhas tenham um futuro estável, pois o mito que cerca o matrimônio a faz acreditar nessa ideia, a partir disso, ela não o questiona, apenas aceita.

Para a mulher, o matrimônio é um mito diferente do que representa para o homem. Enquanto na frase de abertura do romance nos deparamos com o casamento como um complemento para aqueles do sexo masculino, para a mulher casar-se é o que a transforma em “mulher de verdade”, é quando assume a função para a qual foi educada desde o nascimento. Ao dizer que algo é “uma verdade universalmente conhecida”, Austen (2011) classifica automaticamente a fala como mitológica.

Dentro deste mito estão inseridos outros, como por exemplo o mito da “mulher para casar”. Entre as personagens do romance, a que melhor se enquadra nos padrões sociais da figura feminina construída para o matrimônio é Jane Bennet, ao passo que o comportamento de Elizabeth, constantemente comentado por outros personagens, é intimidador e inadequado para uma dama que está à procura de um marido. Lydia, por outro lado, foge totalmente do que era considerado adequado: ri demais, viaja sozinha e, por fim, – a pior das manchas em sua reputação – foge com outro homem.

Embora o mito do casamento tenha se modificado lentamente durante os dois séculos que nos separam de *Orgulho e preconceito*, atualmente o senso-comum reproduz a fala mitológica de que toda mulher almeja se casar, embora essa não seja uma verdade absoluta. Ainda hoje, há mulheres

que desejam se casar e controlam seu comportamento para não “intimidar” possíveis pretendentes, enquanto outras, de idade avançada e ainda solteiras, sentem que a sociedade as vê como fracassadas ou as respeita menos por não serem casadas (ADICHIE, 2013).

Somos todos seres sociais. Nós internalizamos ideias dessa socialização. Até mesmo a linguagem que usamos para falar sobre casamento e relacionamentos ilustra isto. A linguagem do casamento muitas vezes é a linguagem da propriedade, ao invés da linguagem da parceria.⁴ (ADICHIE, 2013)

Nos dias atuais, é possível localizar resquícios da cultura que via a esposa como propriedade do marido. Austen, porém, tinha uma visão diferente sobre a relação entre homem e mulher. É logo ao final do livro que ela resume boa parte do princípio de igualdade que acredita que deve existir no casamento, aquele que tentou demonstrar ao longo de sua obra. Ao mencionar a irmã do Mr. Darcy e o que ela aprendeu com Elizabeth, escreve:

Georgiana tinha a opinião mais elevada sobre Elizabeth no mundo; embora ela primeiro ouvisse com uma surpresa beirando o alarme o modo animado e brincalhão com que ela se dirigia ao seu irmão. Ele, que sempre inspirara nela um respeito que quase superava sua afeição, agora era visto por ela como objeto de pilhéria. Sua mente recebia conhecimentos que nunca antes achara em seu caminho.

4 Tradução da autora para original em inglês: “We are all social beings. We internalize ideas from our socialization. Even the language we use in talking about marriage and relationships illustrates this. The language of marriage is often the language of ownership, rather than the language of partnership.”

Pelas instruções de Elizabeth, ela começou a compreender que uma mulher pode tomar liberdades com seu marido, o que um irmão nem sempre permite de uma irmã dez anos mais jovem do que ele mesmo. (AUSTEN, 2013, 52%)

A autora permite que marido e mulher estejam em posição de igualdade a partir dessa colocação, mas também nos dá outra informação importante sobre sua visão acerca dos papéis de gênero. A maior diferença entre os irmãos Darcy existe não por causa do sexo, mas sim pela diferença de idade entre ambos. Isso, porém, não nega a existência de diferenças de tratamento provenientes do gênero, mas destaca que possivelmente elas são menores que aquelas causadas pela diferença de idade entre eles.

Apesar da aparente igualdade entre ambos, o amor entre Darcy e Elizabeth não pode ser visto apenas como confluyente. A descrição de Giddens (1992) sobre como o amor romântico manifesta-se na figura masculina adequa-se ao comportamento de Mr. Darcy durante o romance.

O *ethos* do amor romântico tem de certo modo sustentado esta orientação, no sentido de que o homem desejável tem sido com frequência representado como frio e inatingível. Mas desde que tal amor dissolve estas características, que são exibidas como uma máscara, o reconhecimento da vulnerabilidade emocional masculina está evidentemente presente. (GIDDENS, 1992, p. 73)

Elizabeth então se apresenta como a responsável por despir a armadura que Darcy constrói para se proteger emocionalmente. Porém, pode-se dizer que Mr. Darcy e Elizabeth vivem um processo transitório entre o amor romântico e o

confluyente. Há entre as personagens a preocupação em construir uma relação pautada na igualdade e no respeito mútuo, o que causa estranhamento em quem vê de perto, como a própria Georgiana, irmã de Darcy.

O casamento de Darcy e Elizabeth acontece primeiramente por amor, não por necessidade financeira. É o amor entre ambos que ajuda a fortificar um relacionamento com mais igualdade do que diferenças, embora elas ainda existam. Austen busca construir entre seus protagonistas uma relação em que homem e mulher sejam vistos como parceiros e colaborem um com o outro. Ao fim do romance, Elizabeth não é reduzida a uma propriedade de Darcy, mas apresentada como sua companheira.

3. *O diário de Bridget Jones e The Lizzie Bennet Diaries*

O bicentenário de *Orgulho e preconceito* foi comemorado em 2013, mas, apesar da idade, o romance continua a cativar leitores como se fosse uma novidade. É inegável a influência que a história criada por Jane Austen ainda exerce quando nos referimos à chamada “literatura mulherzinha”, ou qualquer outra produção cujo público-alvo seja o feminino.

É impossível mensurar a influência de Jane Austen para a cultura pop. A internet está repleta de *fanfictions*,⁵ de vídeos, de blogs e de listas de discussão que reúnem fãs do romance entre Elizabeth Bennet e Mr. Darcy. Filmes como *Austenlândia* (2013) – baseado num romance homônimo de Shannon Hale (2014) – ou *Noiva e preconceito* (2004); séries como *Death Comes to Pemberley* (BBC, 2013) e até o controverso livro *Orgulho e preconceito e zumbis*, de Seth Grahame-Smith (2010) – em que zumbis invadem o romance de Jane Austen – são apenas alguns exemplos de obras recentes, dos mais variados estilos, que tomam como base o clássico inglês. Para mais, existem ainda adaptações diretas do romance, como o filme de 2005 dirigido por Joe Wright, e a popular minissé-

5 Histórias ficcionais criadas por fãs baseadas em universos já existentes.

rie da BBC, exibida em 1995. A emissora britânica adaptou o romance de Austen para a televisão mais de uma vez.

Entre as diversas obras baseadas, inspiradas ou adaptadas de *Orgulho e preconceito*, escolhemos dois trabalhos distintos pautados em Austen para análise. Cada obra escolhida utiliza-se do texto de Jane Austen de maneira diferente.

Um dos objetos deste estudo é o romance *O diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding (publicado em 1996, mas aqui analisado na edição brasileira de 2011). Através do método comparativo, buscaremos encontrar paralelos entre a obra, mais recente, e *Orgulho e preconceito*, pois Fielding não se propôs a criar uma adaptação contemporânea do livro, mas, sim, uma nova história que sofre fortes influências de *Orgulho e preconceito*. Destacaremos ao longo do capítulo quais são essas influências e como Fielding as trabalha.

O outro objeto analisado neste capítulo é a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* (2012), um projeto transmídia que procura adaptar o romance de Jane Austen para os dias de hoje, contando a história através das redes sociais. Nessa versão, os produtores buscaram soluções para integrar enredo e mídia, aproveitando-se da estrutura de diversas plataformas.

3.1 *O diário de Bridget Jones*

Bridget é uma jovem solteira na casa dos trinta anos, que não se sente profissionalmente realizada e vive à procura de um homem ideal, mesmo que tente mostrar para a mãe que está satisfeita com a sua vida profissional e amorosa. Ela frequentemente se compara às mulheres ao

seu redor – casadas, com filhos e ocupando boas posições em seus empregos. O desejo de Bridget parece simples: emagrecer, parar de beber e de fumar, de estar numa posição melhor no emprego e de encontrar um namorado. Com muito humor e tirando sarro de si mesma, a personagem lida com seus conflitos como muitas mulheres.

A história escrita por Helen Fielding na década de 1990 surgiu como uma coluna para o jornal *The Independent*. O livro foi publicado em 1996, mas a coluna ainda era ativa até 2006, sofrendo algumas interrupções nos quase dez anos que foi publicada. O romance ganhou três sequências: *Bridget Jones, no limite da razão*, publicado em 1999, a controversa *Bridget Jones, louca pelo garoto*, lançada em 2013, e *O bebê de Bridget Jones: Os diários*, de 2016. Todos os títulos foram publicados no Brasil, sendo que os dois primeiros foram inicialmente editados pela Editora Record, mas, a partir do terceiro volume os direitos de publicação da série foram comprados pela Companhia das Letras, que hoje publica todos os volumes pelo selo Editora Paralela.

Narrado em forma de diário, o estilo de Fielding marcou a época, sendo considerado por muitos a “mãe” do gênero *chick-lit*, nome dado à livros que são considerados “literatura mulherzinha” (filmes do gênero são chamados de *chick flicks*). Livros enquadrados nessa categoria geralmente são narrados em primeira pessoa e acompanham a história de uma mulher – ou um grupo de mulheres – que, com muito humor, tentam lidar com seus dilemas amorosos, insatisfação profissional e outras frustrações diversas.

Quando consideramos a origem da *chick-lit*, um texto claramente se destaca: *O diário de Bridget Jones* (1996), de Helen Fielding. Todo o fenômeno *chick-lit* invariavelmente nos leva a esse romance. Mas assim como outros casos, em que um gênero cheio de ramificações parece crescer de um único caule, a gênese da *chick-lit* talvez não seja tão simples. Afinal de contas, Bridget Jones – assim como os épicos homéricos ou os primeiros romances britânicos do século XVIII – dificilmente surgiria abruptamente, completamente formado no cérebro de Fielding.⁶ (FERRIS; YOUNG, 2006, p. 4).

É sabido que a principal fonte de inspiração de Fielding foi *Orgulho e preconceito* de Austen. O sobrenome de Mark Darcy, galá da história, não deixa dúvidas da relevância do trabalho da autora para a criação do romance (FERRIS; YOUNG, 2006, p. 5), que hoje é praticamente um ícone da cultura pop.

Adaptado para os cinemas em 2001, *O diário de Bridget Jones* figurou nas listas dos mais vendidos ao redor do mundo e sua popularidade permanece mais de duas décadas depois.

Além disso, as páginas dos livros e as telas do cinema não foram suficientes para Bridget Jones. Uma versão musical da obra ganhou os palcos de Londres em 2010, trazendo canções da cantora inglesa Lily Allen. Assim como a obra que o inspirou, *Bridget Jones* atraiu um grande número de fãs. Sua

6 Tradução da autora para original em inglês: “When we consider the origins of chick lit, a single text clearly presents itself: Helen Fielding’s *Bridget Jones’s Diary* (1996). The entire chick-lit phenomenon is invariably traced back to this single novel. But as in other cases in which a many-branched genre appears to grow from a single stalk, the genesis of chick lit may not be so simple. After all, Bridget Jones – much like the Homeric epics or the first eighteenth-century British novels – could hardly have sprung fully formed from Fielding’s brain.”

popularidade não diminui com o tempo, pelo contrário – a história da solteirona que conta calorias e tenta diminuir o consumo de álcool e de cigarro ganhou tanta força que quase três décadas após o lançamento, Bridget continua sendo um modelo de influência na representação feminina em diferentes filmes e livros, como *O diabo veste Prada* (2009), *Amor sem escalas* (2009), *Sexy por acidente* (2018) ou *Set It Up* (2018).

O diário de Bridget Jones versus Orgulho e preconceito

Enquanto muitos autores relutam em compartilhar as obras que os inspiraram, Helen Fielding parece não ter problemas em assumir que sua obra foi fortemente influenciada por Jane Austen. A própria autora já admitiu que não apenas seu mocinho, Mark Darcy, foi inspirado no icônico Fitzwilliam Darcy, como também afirmou que boa parte do seu enredo e personagens foram inspirados na obra de Austen (FERRIS; YOUNG, 2006, p. 4).

A primeira vez que Bridget encontra Mark Darcy é na casa da mãe, logo no primeiro capítulo do livro, em um jantar de Natal (FIELDING, 2010, p. 19). Assim como Elizabeth, a primeira impressão de Bridget a respeito de Mark Darcy é sua aparência, mas logo se desencanta com a postura do personagem, considerando-o arrogante e presunçoso.

As semelhanças não residem apenas nesses detalhes. Uma das principais características da narrativa de Helen Fielding é o humor. A forma como Bridget encara os momentos controversos da sua vida com sarcasmo, e por vezes com co-

mentários ácidos, remete à personalidade afiada de Elizabeth Bennet. O humor é uma característica marcante na obra de Fielding, tal qual na de Austen. O gênero *chick-lit*, do qual o romance de Fielding é precursor, caracteriza-se fortemente pela presença de uma narrativa bem-humorada, geralmente narrada em primeira pessoa, em que a personagem busca fazer piada com as próprias ansiedades (FERRIS; YOUNG, 2006). Enquanto o humor em Austen atribui poder e vontade a algumas personagens (CASAL, 2011), em *Bridget Jones* o humor opera, por vezes, como uma armadura ou disfarce. Bridget ri dos próprios problemas para diminuir a importância que eles têm em sua vida e para apresentar-se diante dos outros personagens como uma mulher segura e realizada. O humor atua, portanto, como uma máscara.

Outra semelhança marcante entre a história criada por Fielding e o romance de Austen está em seus personagens masculinos. Além de Mark Darcy ser inspirado no galã de Austen, há um outro personagem que, em certo momento, é objeto de afeto de Jones e se assemelha a um dos personagens criados pela escritora inglesa no século XIX: Daniel Cleaver.

Daniel Cleaver assume em *O diário de Bridget Jones* o papel de George Wickham. Assim como Wickham, Cleaver torna-se objeto de desejo de Bridget. Sua postura e aparência conquistam a personagem, que passa a ficar encantada com ele. No entanto, assim como Elizabeth percebe que “o que ela deseja (Wickham) não é o que ela precisa (Darcy)” (BARBOSA, 2013, p. 135), Bridget se dá conta que Daniel Cleaver não seria o parceiro adequado.

A relação entre Daniel e Mark também se assemelha aos laços que havia entre Wickham e Darcy. Os dois são co-

nhecidos de longa data, porém não se gostam devido a um desentendimento anterior – em *O diário de Bridget Jones*, Cleaver afirma que Darcy “roubou” sua noiva. Esse desentendimento é similar ao que ocorre em *Orgulho e preconceito*, onde Wickham diz a Elizabeth que Darcy tirou todos os seus direitos após a morte do padrinho, o falecido pai de Darcy. Nas duas histórias, a protagonista se choca com a frieza de Darcy em relação ao antigo amigo, até o momento em que descobre que havia sido enganada (por Wickham ou Cleaver, dependendo da versão) e Darcy havia agido corretamente e com justiça (FIELDING, 2010; AUSTEN, 2011).

A mãe de Bridget, ao contrário da Mrs. Bennet, tem diversas ocupações na vida. Porém, assim como a matriarca dos Bennet – e diversas mães ao redor do mundo –, ela deseja ver sua filha casada com um “bom partido”. Por isso convida, com frequência, filhos solteiros de suas amigas à sua casa para conhecerem Bridget, na esperança de que ela comece a namorar algum deles. É a partir de um desses encontros que Bridget vê Mark Darcy pela primeira vez.

Muito embora diversas questões levantadas por Austen em seu romance não sejam aplicáveis aos dias de hoje, diversos outros “clichês” construídos por ela ainda moldam a literatura, o cinema e as diversas outras produções voltadas para o público feminino. Os elementos presentes no romance de Fielding que remetem à obra de Austen servem para corroborar esse fato.

Certos clichês originados na obra de Jane Austen prevalecem até hoje por ainda encontrarem apoio no imaginário da identidade feminina. Seja porque certas situações permanecem as mesmas através dos séculos ou por Jane Austen ser

uma mulher à frente do seu tempo – ou um pouco de ambas –, Bridget Jones deve boa parte da sua construção à autora inglesa e seu trabalho.

A mulher ideal: os padrões de Bridget e de Elizabeth

É em uma longa conversa que os personagens de Austen definem as características da mulher ideal (AUSTEN, 2011, p. 40-45). Enquanto as características da “mulher perfeita” no romance estão atreladas aos modos de se portar, a mulher ideal em Bridget Jones também existe, mas de outro modo: na aparência física.

“A ‘beleza’ não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica” (WOLF, 1991, p. 15), e Bridget encarna bem os efeitos da implacável busca pela perfeição física que abala mulheres. “A mulher ‘ideal’ de acordo com Bridget é magra, bem-vestida, tem uma carreira e um namorado (quando não é um esposo)”⁷ (HJALTADOTTIR, 2004, p. 36) e esses são os objetivos que a personagem almeja: magreza, uma posição melhor no emprego e um namorado. Bridget transporta tanto para sua aparência, quanto para seu possível futuro namorado, a sua felicidade. Para ela, ter um corpo perfeito, estar bem-empregada e em um relacionamento estável são garantias diretas de sucesso e felicidade.

7 Tradução da autora para original em inglês: “The ‘ideal’ woman according to Bridget is someone that is thin, well groomed, has a career and a boyfriend (if not a husband).”

Não há descrições físicas da personagem no livro. A única informação que Fielding nos dá a respeito da aparência física de Bridget é seu peso (HJALTADOTTIR, 2004, p. 36), sempre informado no início de cada capítulo e motivo de insatisfação da protagonista. Bridget pesa cerca de 59 quilos, com leves alterações acima ou abaixo durante o livro e está constantemente encarando dietas para emagrecer (FIELDING, 2011).

Antes da Revolução Industrial, a mulher comum não poderia ter sentido o que sente a mulher moderna com relação à beleza, já que esta última vivencia o mito como uma contínua comparação com um ideal físico amplamente difundido. Antes da invenção de tecnologias de produção em massa – daguerreótipos, fotografias etc. – uma mulher comum era exposta a poucas imagens dessa natureza fora da igreja. Como a família era uma unidade de produção e o trabalho da mulher complementava o do homem, o valor das mulheres que não fossem aristocratas ou prostitutas residia em sua capacidade de trabalho, sagacidade econômica, força física e fertilidade. É óbvio que a atração física também desempenhava o seu papel; mas a beleza, como a entendemos, não era, para as mulheres do povo, uma questão séria no mercado matrimonial. (WOLF, 1992, p. 17-18)

A ansiedade causada pelos padrões de beleza é recente, não constando nas características consideradas por Darcy ao enumerar as qualidades da mulher ideal. A revolução industrial ainda não havia ocorrido e o drama do “corpo perfeito” não afeta as personagens de Austen. Mas no ambiente contemporâneo, a pressão causada pelo padrão de beleza é uma realidade comum às mulheres, alimentada pela indústria da moda, das revistas femininas e da televisão.

Quando consegue atingir seu peso desejado – 54 quilos –, Bridget comemora que finalmente está magra, após anos na luta contra a balança (FIELDING, 2010). Satisfeita por finalmente ter atingido sua meta, Jones se vê frustrada ao perceber que as pessoas ao seu redor não tiveram a reação que ela esperava ao fazer dieta durante tantos anos. Ao invés de dizer que a personagem parece deslumbrante, seus amigos perguntam se há algo errado com ela e afirmam que parece cansada (FIELDING, 2010). Essa reação é o clique necessário para que Bridget perceba que estar satisfeita consigo mesma não significa atingir determinado peso na balança. Para sentir-se bem com o próprio corpo e fugir dos padrões de beleza socialmente impostos, é necessária uma nova forma de ver (WOLF, 1992, p. 24), não apenas a si mesma, mas o próprio mundo e a indústria.

Em uma fala destacada por Hjaltadottir (2004) como a síntese da frustração de Bridget por seu resultado não ser o que ela esperava, a personagem resume o sentimento de muitos que buscam padrões inatingíveis como forma de encaixarem-se ou sentirem-se bem:

Agora me senti oca e confusa, como se tivessem puxado o tapete sob meus pés. Dezoito anos – em vão. Dezoito anos de calorias e somas de unidades calóricas. [...] Dezoito anos de lutas, sacrifício, inanição – para quê? Dezoito anos e o resultado é “cansada e desanimada”. Estou me sentindo como um cientista que descobre que o trabalho ao qual dedicou uma vida inteira foi um engano total. (FIELDING, 2010, p. 114)

Uma das principais características que tornaram *O diário de Bridget Jones* um livro bem-sucedido – ou uma franquia, se considerarmos os filmes e as sequências do romance – é a

identificação instantânea que várias leitoras encontram em Bridget, não apenas nesse episódio, mas em muitos outros ao longo do romance. As falhas e as inseguranças da personagem são projetadas para que o leitor se encontre nelas. Com problemas como a necessidade de se encaixar em padrões, Fielding constrói uma história de fácil identificação ao colocar em pauta conflitos que são comuns a diversas mulheres, o que alimenta sua credibilidade com o público que dialoga.

3.2 *The Lizzie Bennet Diaries*

The Lizzie Bennet Diaries, um projeto idealizado por Hank Green, foi ao ar pela primeira vez em abril de 2012, e trazia novos episódios às segundas e às quintas-feiras, além de eventuais surpresas para os espectadores. Seu idealizador já possuía certa intimidade com o YouTube, principal plataforma escolhida para abrigar a websérie. Hank Green ficou popular na internet ao criar em 2007, junto com seu irmão, o escritor John Green, o vlog *Vlogbrothers*.

A esposa de Hank, Katherine Green, era fã do romance de Austen e inspirou o marido a criar a websérie com ajuda de Bernie Su. Criaram então a Pemberley Digital, uma empresa – com nome inspirado na propriedade que aparece nos romances de Austen – que além de adaptar clássicos para a plataforma virtual, também aparece nessa versão do romance. A proposta da websérie, que contou com cem episódios, dez vídeos de perguntas e respostas e outras dezenas de vídeos em canais de apoio, era transpor o romance de Austen para o século XXI, acontecendo em tempo real em diversas plataformas.

Em *The Lizzie Bennet Diaries* (2012), a história não se desenrolava apenas no canal de Lizzie no YouTube. Ela acontecia também nos canais de apoio, como no Twitter, no Facebook, no Tumblr e até mesmo no LinkedIn, uma rede social de negócios. A intenção dos criadores não era apenas criar uma adaptação do romance no formato de vlog – ou videolog, um diário virtual em vídeo, geralmente hospedado no YouTube –, mas sim uma versão da história que acontecesse através das redes sociais. O formato transmídia adotado pelos criadores foi a forma encontrada para aumentar a imersão dos espectadores no universo da série.

A história acontecia da seguinte forma: às segundas e às quintas-feiras, um vídeo com duração média de cinco minutos era publicado no canal Lizzie Bennet, no YouTube. A execução era simples: a atriz Ashley Clements, que interpretava a Elizabeth Bennet 2.0, interagía com uma câmera, por vezes fazia comentários com a melhor amiga, Charlotte – que geralmente estava “por trás” das câmeras – e boa parte dos vídeos eram gravados no quarto da personagem. A intenção era dar aos vídeos uma aparência caseira, como muitos outros postados diariamente por adolescentes e jovens na internet.

No universo de *The Lizzie Bennet Diaries*, tal qual qualquer outra história que utilize múltiplas plataformas para ser contada, quanto mais o espectador se envolvesse com o enredo, maior seria sua experiência de imersão. Entrar em contato com as diversas plataformas aumentava as possibilidades de aproveitamento do enredo. Além disso, o espectador poderia interagir com a história através das redes sociais.

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas, com cada novo texto contribuindo de manei-

ra distinta e valiosa para o todo. [...] Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. (JENKINS, 2009, p. 138)

A narrativa transmídia é utilizada como suporte para que o espectador entre em contato com diversos pontos de vista da história, permitindo assim que ela não se concentre apenas na versão de Lizzie.

The Lizzie Bennet Diaries é um romance da era digital. A maneira encontrada pelos produtores para contar a história é essencial para seu desenvolvimento. Ela não funcionaria em nenhuma outra plataforma que não fosse a web, um espaço que permite a aproximação entre público e produtor de conteúdo, mesclando os papéis.

Lizzie Bennet é uma universitária na casa dos vinte anos que cria um canal no YouTube como parte de um projeto para a faculdade de comunicação. Ela passa a usar o canal como uma espécie de diário virtual, postando constantemente vídeos sobre seu dia a dia. Por vezes, Lizzie conversava com outros personagens em cena, especialmente suas irmãs e melhor amiga, em outras ela simplesmente imitava outros personagens. Seus pais e sua tia, por exemplo, jamais apareceram em cena durante o vlog: quando necessário, Lizzie imitava suas reações com fantasias e ajuda dos amigos, adicionando uma veia cômica à história.

Os canais do YouTube que funcionavam como apoio para a história principal eram o videolog de Lydia, o qual simulava vídeos gravados pelo celular; o canal da Maria Lu, irmã de Charlotte, em que ela praticava “vlogar” para impressionar o Sr. Collins e conseguir um estágio; o canal

do próprio Sr. Collins, com dicas para aprimorar os vídeos; além do canal da Gigi Darcy, irmã de William Darcy, usado para apresentar um programa criado pela Pemberley, que na websérie virou uma empresa.

Além dos canais no YouTube, boa parte da história acontecia em outra rede social: o Twitter. Os personagens interagiam entre si através da rede e também com espectadores, aumentando a experiência de imersão. Além da interação entre os personagens via Twitter colaborar para o andamento da história, também ajudava a reforçar a imagem de que eram reais, além de usuários assíduos da internet.

Durante a série, perfis em outras redes sociais também foram usados para contar a história. A preocupação dos produtores foi que esses perfis combinassem não apenas com o enredo, mas também com a personalidade do autor. Por isso, fazia todo sentido que Ricky Collins, por exemplo, possuísse um perfil no LinkedIn, rede social de negócios; que Jane Bennet transformasse sua página no Tumblr em um blog de moda, e usasse o Pinterest como um mural para agregar tudo que ela considerasse bonito; ou que George Wickham usasse o OkCupid, uma rede social para encontrar namoradas. Apesar de serem adições pontuais e não interferirem no desenrolar da trama, ajudavam a diferenciar os personagens e aproximá-los da realidade contemporânea.

O Facebook, porém, não era um meio fortemente utilizado pela produção da websérie, pois apesar de criarem páginas para os diversos personagens, geralmente utilizavam a rede apenas para divulgar novos episódios postados, evitando usá-lo como forma de complementar a narrativa. É provável que essa escolha seja devido às políticas adotadas pelo Facebook

para exibição de conteúdo na linha do tempo dos usuários, já que, ao contrário de redes como o Twitter, o Tumblr ou o YouTube, o Facebook não exibe todo conteúdo das páginas que o usuário segue em seu perfil, mas seleciona o conteúdo que será exibido de acordo com grau de relevância, para evitar o fluxo intenso de conteúdo. O que é útil para que os usuários vejam apenas o que lhes interessa e não sejam inundados com excesso de informação que pode atrapalhar quando o interesse é contar uma história em múltiplas plataformas, pois o conteúdo não seria facilmente exibido para todos os seguidores da página, causando um ruído na comunicação.

Uma das principais ações que demonstrou a eficiência da narrativa transmídia para o desenvolvimento do enredo foi em relação à personagem Lydia. Nessa versão, a personagem foi retratada como uma adolescente divertida e interessada em aproveitar a vida sem se preocupar muito com as consequências, desde que consiga fazer suas vontades. Na trama, ela resolve criar um vlog para também sentir um gostinho da fama virtual que a irmã conquistou. Através do vlog e das redes sociais de Lydia, foi possível acompanhar o desenvolvimento do relacionamento da personagem com Wickham – ver discussão a seguir –, o que colaborou para uma grande interação dos espectadores em um dos pontos principais da história da personagem, quando o “escândalo” vivido por Lydia é exposto.

Essa possibilidade de interação entre público e obra foi tão marcante para a websérie que rendeu um *Emmy* para a produção, como Melhor Programa Original Interativo. Além do *Creative Arts Emmy*, *The Lizzie Bennet Diaries* foi premiado na mesma categoria do *Streamys*, uma premiação

que contempla canais do YouTube, onde Bernie Su também foi premiado por melhor roteiro de comédia.

Os resultados da produção

O formato diferenciado escolhido para recontar uma história há muito reproduzida e bastante conhecida entre os falantes da língua inglesa obteve sucesso. Os números de *The Lizzie Bennet Diaries* são consideráveis para o formato da produção, com mais de 269 mil inscritos (2023) e um número superior a 45 milhões de visualizações apenas no canal da Lizzie Bennet.

A boa recepção do produto pelo público não é traduzida apenas em números de visualizações ou seguidores, mas também em retorno financeiro. Em 2013, a equipe lançou uma campanha no Kickstarter, um site de financiamento coletivo para os mais variados projetos. Buscou-se o apoio dos fãs para financiar a produção de uma nova websérie, a criação de DVD's e um livro de *The Lizzie Bennet Diaries*, além de outros possíveis futuros projetos da Pemberley Digital, caso a arrecadação fosse maior que a esperada.

Com uma meta inicial de 60 mil dólares, o projeto arrecadou cerca de 460 mil dólares, quase oito vezes mais do que o esperado. Com mais de sete mil fãs apoiando o financiamento, prêmios variados eram distribuídos para quem colaborasse com uma quantia a partir de dez dólares – desde o nome nos agradecimentos do DVD e pôsteres autografados pelo elenco da série até se tornar um personagem na próxima produção do grupo.

O resultado positivo do financiamento coletivo permitiu que a Pemberley produzisse outras duas webséries também inspiradas em obras de Austen. A primeira delas foi *Welcome to Sanditon*, baseada em uma obra inacabada de Jane Austen, *Sanditon*. Para causar identificação do público, que desconhecia a história original, os criadores colocaram Gigi Darcy como protagonista da websérie, uma personagem amada pelo fandom⁸, além de hospedarem os vídeos no canal Pemberley Digital, que já possuía vídeos da personagem. Porém, o roteiro não agradou os fãs, que fizeram diversas reclamações através de comentários nos vídeos, fóruns de discussão e no Tumblr por considerarem a história e a experiência transmídia inferiores à *The Lizzie Bennet Diaries*.

A segunda tentativa pós *The Lizzie Bennet Diaries* foi adaptar o romance *Emma*, de Jane Austen. Assim como *Welcome to Sanditon*, *Emma Approved* não possui um canal próprio no Youtube, ao contrário de *The Lizzie Bennet Diaries*. Os vídeos também foram hospedados no canal da Pemberley Digital, desde outubro de 2013. Enquanto *Welcome to Sanditon* era uma série curta, programada para durar apenas três meses, *Emma Approved* foi lançada com a expectativa de ser uma série de maior duração. A adaptação, que foi

8 Fandom é contração de “fankingdom”, ou “Reino dos fãs”. É o nome usado para referir-se ao grupo de fãs de um determinado produto (artista, série, livro etc.). É comum que fandoms específicos recebam apelidos, geralmente relacionados ao produto do qual são fãs. Ex.: fãs da cantora Demi Lovato chamam-se Lovatics, fãs da série *Glee* são conhecidos como Gleeks, fãs de *Jogos Vorazes* são chamados de Tributos etc. Os fãs de *The Lizzie Bennet Diaries* eram apelidados “Seahorses”.

amplamente aguardada pelos fãs, teve uma recepção menos favorável do que a esperada pela equipe que a idealizou.

Enquanto boa parte da interação fora do YouTube em *The Lizzie Bennet Diaries* acontecia no Twitter – o que possibilitava uma maior interação entre fãs e personagens –, uma das mídias mais fortes além do YouTube na história de Emma é o blog com dicas de comportamento e estilo que a personagem mantém. A maior crítica do público é que, por não interagirem com os personagens no mesmo nível que era possível em *The Lizzie Bennet Diaries*, relacionar-se e identificar-se com eles é mais difícil (BUENEKKE, 2014).

Mas não apenas a Pemberley Digital se aproveitou da repercussão do seu produto nas redes para criar outros similares. Diversos outros produtores independentes também criaram webséries inspiradas em clássicos da literatura inglesa. Alguns exemplos são *Jules and Monty*, uma websérie baseada em Romeu e Julieta em que os personagens são universitários e, além disso, ela utiliza diversas falas da versão original; *The Autobiography of Jane Eyre*, na qual transporta a história de Jane Eyre para os dias atuais e *Nothing Much To Do*, também baseada numa peça de Shakespeare, *Muito barulho por nada*. Essas são apenas algumas entre as diversas produções que continuam a aparecer no YouTube aproveitando-se do caminho aberto pela versão digital de *Orgulho e preconceito*.

The Lizzie Bennet Diaries versus *Orgulho e preconceito*

Como qualquer versão ou adaptação, diversas mudanças no enredo foram necessárias para que *Orgulho e preconceito* fosse

transformada em uma história do século XXI. Ao levar Lizzie a compartilhar os seus problemas familiares, suas impressões sobre Darcy e seu relacionamento com a família na internet, foi necessário adaptar a história não apenas ao nosso tempo, mas também à mídia na qual ela se apoia.

Apesar de manter o foco em Lizzie e seu relacionamento com Darcy, um dos maiores destaques dessa versão é a oportunidade de desenvolver os personagens secundários, uma vantagem possibilitada pela narrativa transmídia. Apesar de se apoiar em um canal principal, as ferramentas secundárias tornam possível para o público entrar em contato com outros personagens geralmente negligenciados pelas variadas adaptações da obra.

Embora o desenvolvimento do romance entre Lizzie e Darcy tenha sido essencial para *The Lizzie Bennet Diaries*, a verdadeira força estava em dar corpo a vários dos personagens secundários em *Orgulho e preconceito* através dos elementos transmídia, fazendo espectadores familiarizados com a história considerarem leituras alternativas ao material de origem, e aos novatos no mundo de Austen se voltarem para o texto original pela primeira vez.⁹ (ANDERSEN, 2013)

Um dos grandes destaques da versão virtual de *Orgulho e preconceito* foi Lydia Bennet, personagem comumente negligenciada – ou até mesmo odiada – pelos fãs da obra original,

9 Tradução da autora para original em inglês: “While the budding romance between Lizzie and Darcy was pivotal to *The Lizzie Bennet Diaries*, its true strength was in fleshing out many of the minor characters in *Pride and Prejudice* through the transmedia elements making audiences familiar with the story consider alternate readings of the source material, and new inductees to the world of Austen to turn to the text for the first time.”

que a consideraram fútil e, por vezes, irritante. Na leitura que a personagem recebeu dos criadores da websérie, a transformação de Lydia e sua história com Wickham atingiram um patamar diferente da obra original, mas com uma interessante saída para o enredo.

Assim como a Lydia original, a personagem da série pode ser definida como impulsiva, festiva e atrevida. O espírito livre de Lydia foi bem capturado pela atuação de Mary Kate Wiles, atriz que deu vida à personagem na versão cocriada por Hank Green e Bernie Su. Enquanto na versão original Lydia tinha a irmã Kitty como companhia, na websérie ela foi transformada no gato de estimação dos Bennet.

Transformar Kitty em um animal de estimação e Mary em uma prima, ao invés de irmã, foi a saída encontrada pelos criadores para a família se adequar melhor aos padrões familiares atuais. Como Kitty e Mary eram personagens com menor importância para o enredo que Lydia e Jane, elas foram cortadas da versão, o que alterou o relacionamento entre as irmãs e como ele era explorado, como a própria intérprete da personagem explica:

O que há de diferente em *The Lizzie Bennet Diaries* é que só existem três irmãs, ao invés de cinco como no livro, o que cria uma dinâmica totalmente diferente. Porque no livro, Lydia tem Kitty a seguindo por todo canto e a deixando assumir a posição de líder nessa dinâmica, e na nossa série Lydia não tem isso. Ela se sente como a irmãzinha irritante. Obviamente Lizzie e Jane a amam, mas eu acho que fica claro com o decorrer do show que existe uma certa dinâ-

mica em que Lydia se sente de fora e incompreendida pelas irmãs.¹⁰ (WILES apud WHYTE, 2013)

Foi também para adaptar a história a algo mais próximo da realidade atual que o grande momento de Lydia na trama sofreu uma grande modificação, tornando-se um dos destaques da adaptação. Ao invés de fugir para morar com o namorado – uma subversão que não teria tanta força moral nos dias de hoje – outro assunto atual e diretamente ligado ao universo virtual, foi colocado em pauta na história.

Os vídeos de Lydia foram, aos poucos, mostrando o desenvolvimento da relação abusiva que a personagem vivia com o namorado. Isso serviu como ponto de partida para gerar nos espectadores empatia em relação à personagem e repúdio a Wickham. O conflito culminou em uma situação que abalou as discussões entre os fãs da série: foi divulgado um site com uma contagem regressiva, afirmando que, assim que a contagem zerasse, um vídeo sexual da personagem seria lançado na internet. As famosas *sex tapes*, filmes caseiros de sexo, geralmente gravados pelo próprio casal, estavam em pauta quando a série foi ao ar. Muitas delas são divulgadas por parceiros como forma de vingança e para manchar a reputação da parceira.

10 Tradução da autora para original em inglês: “What’s different about *Lizzie Bennet* is that there’s only three sisters, instead of five in the book, which just creates an entirely different dynamic. Because in the book, Lydia has Kitty following her around and letting her be the leader in that dynamic, and in our show Lydia doesn’t have that. She feels like the annoying younger sister. Obviously Lizzie and Jane love her but I think it’s been clear as the show has gone on that there’s this kind of dynamic where Lydia feels left out and not really understood by her sisters.”

Assim como Darcy colabora com uma quantia de dinheiro na história original para diminuir o impacto do escândalo, nessa versão ele paga a Wickham para que não divulgue o vídeo, que causaria dano à imagem de Lydia. Assim como Lizzie, a personagem também é tratada na série como uma webcelebridade, pois seus vídeos são populares – apesar de não atingirem um público tão grande quanto o canal da irmã.

O fato de Lydia ser popular no ambiente virtual interfere nesse arco, pois no site divulgado por Wickham há menção ao fato e os personagens frequentemente comentam que, se não encontrarem Wickham e evitarem que o vídeo seja divulgado, os efeitos serão ainda maiores, pois Lydia é conhecida na web.

Também seguindo a cartilha original, os personagens não julgam Lydia por ter se deixado filmar em um momento de intimidade e o enredo deixa claro a todo instante que o erro estava em Wickham, por quebrar a confiança que Lydia havia depositado nele. Porém, ao contrário do original, Lydia não continua a se relacionar com Wickham: após a quebra de confiança, o personagem sai de cena e é dada à jovem uma chance de reavaliar seu modo de ver a vida, longe de um relacionamento nocivo a ela.

Certas soluções adotadas por Austen não fariam sentido se transpostas para os dias atuais. Foi por isto que o enredo de Lydia sofreu modificações. É pelo mesmo motivo que, ao invés de propriedades, os personagens com melhores condições financeiras na websérie eram donos de empresas, como Darcy, cuja propriedade virou a empresa Pemberley Digital – mais tarde registrada como uma empresa real, que hoje produz outras webséries.

Outros personagens que receberam destaque nessa versão foram Charlotte (que ao invés de ser Charlotte Lucas, cha-

ma-se apenas Charlotte Lu e possui traços orientais), e sua irmã Maria, que ganhou um vlog apenas para ela. Charlotte aparece em diversos vídeos de Lizzie, já que é sua melhor amiga. A irmã de Darcy, Gigi, também aparece frequentemente nessa versão, colaborando em momentos importantes da trama. Ao lado de Fitz (Coronel Fitzwilliam, outro que ganhou espaço maior na versão on-line da história), ela tenta constantemente fazer as vezes de cupido entre Darcy e Lizzie.

Essas são apenas algumas características da adaptação de *Orgulho e preconceito*, mas frases e cenas importantes do livro foram colocadas no enredo, tornando-o o mais fiel possível à obra original, dentro dos limites estabelecidos pelos criadores. Para que a história funcionasse, em alguns momentos o espectador pode sentir estranheza ao ver certos vídeos compartilhados, pois muitos deles não seriam normalmente disponibilizados na internet caso Lizzie fosse uma pessoa real. Porém, essa janela para a intimidade da personagem foi necessária para que a história pudesse ser levada ao ambiente virtual no formato escolhido.

Por ser uma história conhecida de muitos, vários momentos já eram esperados pela audiência, que frequentemente questionava como a história seria adaptada pelos criadores. A imagem de Darcy foi guardada até o episódio 60. Até então, Darcy aparecia apenas em comentários de Lizzie ou através de suas imitações. Essa foi a maneira encontrada pelos produtores para gerar expectativa mesmo naqueles que já conheciam a história original. Os fãs apelidaram o evento de #darcy-day, que entrou para os tópicos mais comentados do Twitter.

Esta expectativa construída ao redor de como a série lidaria com pontos principais que os fãs de Austen sabiam que esta-

vam por vir, como o fato de manter William Darcy fora de cena até o #darcyday e exaltando o primeiro encontro com calma. O roteirista, Bernie Su (“Compulsions”) também modernizou algumas partes da história, como fazer Collins convidar Lizzie a se juntar a ele em sua startup, ao invés de pedi-la em casamento. O resultado é uma das webséries mais conduzidas pelos fãs desde seu antecessor em *lonelygirl15*^{11 12} (CHRISTIAN, 2013).

Essas pequenas mudanças foram as responsáveis por manter os espectadores ansiosos pelas soluções adotadas pela série, transformando o conteúdo já conhecido em algo inédito. Lizzie continua com seu humor sarcástico e Darcy ainda é um personagem reservado e orgulhoso, mas o charme dessa versão reside nas pequenas diferenças com o original. A interação entre os fãs e as soluções encontradas pela equipe para continuar fiel ao livro são o grande destaque de *The Lizzie Bennet Diaries*, uma série que apresentou uma maneira eficaz de produzir e compartilhar conteúdo, criando uma nova roupagem para uma história incansavelmente reproduzida.

-
- 11 lonelygirl15 foi uma websérie veiculada entre 2006-2008 e que obteve grande audiência. Durante muito tempo, os espectadores pensaram assistir a um vlog de uma menina real, até descobrirem que, na verdade, era uma série.
 - 12 Tradução da autora para original em inglês: “This built up anticipation for how the series would handle plot points Austen fans knew were coming, like keeping William Darcy off screen until #darcyday and hyping their first encounter with aplomb. The writer, Bernie Su (“Compulsions”), also modernized some storylines, like making Collins ask Lizzie to join a startup, rather than his hand in marriage. The result is one of the most fan-driven web series since its predecessor in lonelygirl15.”

4. Conclusão

Um texto não termina quando o autor coloca o ponto final, ele apenas está pronto para uma nova etapa. O processo de leitura, no qual os códigos do autor encontram-se com os códigos do leitor, são essenciais para a atribuição de significados. Interpretar uma obra é um encontro entre a estratégia empregada pelo autor ao montar o texto e a resposta do leitor modelo (ECO, 1993, p. 86), que se diferencia do *uso* que pode ser feito de um texto. Quando uma obra é construída para um modelo específico de leitor, ela deixa abertas espaços “elásticos” (ECO, 1993, p. 86) para esse leitor interferir no sentido.

Toda obra é parte de uma rede complexa de influências (ECO, 2005, p. 33), e é no leitor que todas elas se encontram e são decodificadas (BARTHES, 1988, p. 71), através da sua enciclopédia, como Eco (1993) costuma chamar a bagagem sociocultural de cada leitor. A obra que permanece, portanto, é aquela que consegue romper o padrão do leitor modelo e dialogar com diferentes destinatários, mesmo através dos séculos. A obra que permanece ativa através dos tempos atinge aquilo que Jauss (1970) chama de evolução literária, pois ela rompeu seu próprio tempo, espaço e cultura. Outro aspecto importante a considerar é que uma obra literária deve subverter as expectativas do leitor, levando-o a questionar sua

própria vivência através de aspectos culturais, sociais, morais e históricos abordados pelo texto (JAUSS, 1970, p. 31-33).

Dois séculos depois, a obra de Austen é lembrada e celebrada por leitores de todas as idades. Enquanto muitas mulheres suspiram à procura de um Mr. Darcy, os romances de Austen – em especial *Orgulho e preconceito* – continuam a exercer forte influência em diferentes produções culturais.

A resposta talvez esteja, em partes, na maneira como as mulheres são retratadas em sua obra. Em *Orgulho e preconceito*, a autora questiona o casamento e suas funções sociais, além de apresentar mulheres que fogem às regras sociais. As interações entre os personagens e os diálogos contidos no romance auxiliam o leitor a compreender os papéis exercidos pela mulher na sociedade no início do século XIX.

O êxito de Elizabeth Bennet, a heroína perfeitamente moderna criada por Austen, vem de seu charme e de sua inteligência, não da quantidade de dinheiro que ela herdou (BYRNE, 2013). Ainda que duzentos anos nos separem dos conflitos vividos no interior da Inglaterra pelos Bennet e companhia, as questões levantadas por Austen permanecem atuais.

Prova disso são as diversas obras que, aproveitando-se do enredo consagrado, nascem apoiadas no romance de Austen. Produções como *O diário de Bridget Jones* (1996) e *The Liz-zie Bennet Diaries* (2012) encontram, no romance britânico, uma estrutura que ainda tem apelo junto ao grande público – o que pode ser afirmado através dos prêmios conquistados por esses produtos ou o número de leitores e espectadores que essas produções atingem.

Orgulho e preconceito influencia a cultura pop através das questões levantadas por Austen em meio à aparente superfi-

cialidade dos seus temas. Entre juras de amor e pedidos de casamento, é nas respostas atravessadas de Elizabeth ou no atrevimento de Lydia, que encontramos personagens facilmente identificáveis no mundo moderno. O principal atrativo da obra está nas mulheres, que personificam conflitos comuns a qualquer tempo. Austen vai contra os clichês da ficção romântica existentes até então (BYRNE, 2013), e talvez seja essa desconstrução que ainda contagie leitores e transforme seu romance mais conhecido em base para a criação de diversas histórias, nas mais variadas plataformas.

Referências bibliográficas

3RD annual nominees and winners. *Streamy awards*. Disponível em: <http://www.streamys.org/nominees-winners/3rd-annual-nominees/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *We Should All Be Feminists*. Londres: TedX Euston, 2012. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists. Acesso em: 12 dez. 2022.

ANDERSEN, Michael. How a Year of Video Blogging Brought Jane Austen to YouTube. *Wired Magazine*, 2013. Disponível em: <https://www.wired.com/2013/04/lizzie-bennet-diaries-taking-austen-to-youtube/>. Acesso em: 07 dez. 2022.

ANDREEVA, Nellie. *The Lizzie Bennet Diaries* Brings Jane Austen to YouTube. *Wired Magazine*, 2012. Disponível em: <https://www.wired.com/2012/05/the-lizzie-bennet-diaries-brings-jane-austen-to-youtube/>. Acesso em: 12 dez. 2022

ANDREEVA, Nellie. *Creative Arts Emmy Awards 2013 Winners*. Deadline, 15 set. 2013. Disponível em: <http://www.deadline.com/2013/09/creative-arts-emmy-awards-2013-winners-live/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

- AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. Ed. bilíngue. E-book Kindle. São Paulo: Editora Landmark, 2013.
- BARBOSA, Karina Gomes. Não há lugar melhor que nosso lar: A casa como confinamento, personagem e espaço idealizado no filme *Orgulho e preconceito*. *Anuário de Literatura*, v. 18, n. 1, p. 128-145, jun. 2013.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo II: A experiência vivida*. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo I: Fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BECHLER, Rosemary. 14 Reasons for Celebrating 200 Years of Pride and Prejudice (1813). *Open Democracy*, 14 fev. 2014. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/transformation/14-reasons-for-celebrating-200-years-of-pride-and-prejudice-1813/>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- BRIDGET Jones Archive. Disponível em: <http://bridgetarchive.altervista.org/>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- BUENNEKE, Katie. Why Emma Approved Didn't Work as Well as *The Lizzie Bennet Diaries* Did. *LA Times*, 07 abr. 2014. Disponível em: <https://www.laweekly.com/why-emma-approved-didnt-work-as-well-as-the-lizzie-bennet-diaries-did/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BYRNE, Paula. Pride and Prejudice – and politics. *Financial Times*, 2013. Disponível em: <https://www.ft.com/content/76ad7de0-5995-11e2-ac03-00144feab49a>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CASAL, Elvira. Laughing at Mr. Darcy: Wit and sexuality in *Pride and Prejudice*. *JASNA: Persuasions on-line*, v. 22, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol22no1/casal.html>. Acesso em: 14 dez. 2022.

CHRISTIAN, Aymar Jean. Forget ‘Veronica Mars,’ the Real Kickstarter Surprise is ‘Lizzie Bennet’. *Indiewire*, 22 abr. 2013. Disponível em: <http://www.indiewire.com/article/forget-veronica-mars-the-real-kickstarter-surprise-is-lizzie-bennet>. Acesso em: 22 abr. 2014.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: La cooperación interpretativa em el texto narrativo*. 3 ed. Barcelona: Editorial Lumen, 1993.

ECO, Umberto. *Obra aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

EM novo livro, Bridget Jones cinquentona se diverte com gafes tecnológicas. *Uol Entretenimento*, 30 out. 2013. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2013/10/30/em-novo-livro-bridget-jones-cinquentona-se-diverte-com-gafes-tecnologicas.htm>. Acesso em: 13 dez. 2022.

EVERETT, Barbara. Hard Romance: Barbara Everett writes about Jane Austen. *London Review of Books*, v. 18, n. 3, p. 12-14, 8 fev. 1996. Disponível em: <http://www.lrb.co.uk/v18/n03/barbara-everett/hard-romance>. Acesso em: 19 dez. 2022.

- FERRIS, Suzanne; YOUNG, Mallory. *Chick-lit: The New Woman's Fiction*. E-book Kindle. Nova York: Taylor & Francis Group, 2006.
- FIELDING, Hellen. *O diário de Bridget Jones*. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2010.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- GOMES, Itânia. *Efeito e recepção: A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media*. Rio de Janeiro: Editora E-Papers, 2004.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HASAN, Heba. *Pride and Prejudice*, the Web Diary Edition. *Time*, 2012 Disponível em: <http://newsfeed.time.com/2012/04/24/pride-and-prejudice-the-web-diary-edition>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- HJALTADOTTIR, Hugrun. *Bridget Jones's Diary and the subversion of the romance*. Lund: Lund University, 2004. 45 pp. Dissertação (Mestrado em Estudos de Gênero). Disponível em: <https://lup.lub.lu.se/student-papers/search/publication/1330933>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- INSPIRED by *Pride and Prejudice*. *Goodreads*. Disponível em https://www.goodreads.com/list/show/13357.Inspired_by_Pride_and_Prejudice. Acesso em: 14 dez. 2022.
- JAUSS, Hans Robert. Literary history as a challenge to literary theory. *New LiteraryStory*, The Johns Hopkins Univer-

sity Press, Outono 1970. Disponível em: <http://jstor.org/stable/468585>. Acesso em: 19 dez. 2022.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph LTDA, 2009.

KINOSHITA, Priscila Maria Menna Gonçalves. Do século XVIII ao século XXI. “Why Jane (Austen), why now?”. Curitiba: UNIANDRADE, 2012. 216 pp. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Disponível em: <https://mestrado-e-doutorado.uniandrade.br/dissertacoes-ano/2012/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

LILY Allen estaria finalizando o musical inspirado em *O diário de Bridget Jones*. *Rolling Stone*, 5 jul. 2013. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/lily-allen-termina-composicoes-para-versao-musical-de-o-diario-de-bridget-jones/>. Acesso em: 13 dez 2022.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pensar os processos socio-comunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (Org.). *Processualidades metodológicas: Configurações transformadoras em Comunicação*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 87-103.

PAULA, Maria José Angeli de. A história da literatura como provocação à teoria literária de Hans Robert Jauss. *Anuário de literatura*, v. 2, p. 185-187, 1994.

PRIDE and Prejudice adaptations. *Life in Literature*. Disponível em: http://www.lifeinliterature.org/?page_id=881. Acesso em: 21 abr. 2014.

RUSSO, Mary. *O grotesco feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (Brasil). Dados do setor: Produção e vendas do setor editorial brasileiro. Disponível em: <http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>. Acesso em: 06 mar. 2014.

SUGGESTIONS for Pairing Contemporary Music and Canonical Literature. *Corndancer*, 2008. Disponível em: http://www.corndancer.com/tunes/tunes_db.html. Acesso em: 19 dez. 2022.

TEIXEIRA, Ivan. O formalismo russo: Fortuna Crítica. *Revista Cult. Revista Brasileira de Literatura*, p. 36-9, ago., 1998.

THE *Lizzie Bennet Diaries* DVD... and More! *Kickstarter*. Disponível em: <https://www.kickstarter.com/projects/pemberleydigital/the-lizzie-bennet-diaries-dvdand-more>. Acesso em: 12 dez. 2022.

VIUVEZ de Bridget Jones em novo livro gera comoção nas redes sociais. *Uol Entretenimento*, 30 set. 2013. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2013/09/30/viuvez-de-bridget-jones-em-novo-livro-gera-comocao-nas-redes-sociais.htm>. Acesso em: 13 dez. 2022.

VOLLI, Ugo. *Manual de semiótica*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

WHYTE, Marama. Exclusive interview: Mary Kate Wiles talks 'Lizzie Bennet Diaries' sex tape controversy and more [part 1]. *Hypable*, 11 fev. 2013. Disponível em: <http://www.hypable.com/2013/02/11/mary-kate-wiles-exclusive-interview-part-1/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

- WILLIAMS, Zoe. The Jane Austen banknote victory shows young women are packing a punch. *The Guardian*, 24 jul. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/jul/24/jane-austen-banknote-victory-young-women>. Acesso em: 13 dez. 2022.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *A vindication of the rights of woman*. Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/3420>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- ZIRBEL, Ilze. Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: Um Debate. Florianópolis: UFSC, 2007. 212 pp. Tese (Mestrado em Sociologia Política). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90380/241321.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 dez. 2022.

Duzentos anos de muitas adaptações

O clássico de Jane Austen segue sendo atemporal. Seu universo, os personagens e suas personalidades cativantes deixaram marcas não só na literatura. A partir do ano de 1906 até os tempos atuais, sua criação transcendeu os limites das páginas de sua obra e ganhou os palcos, as telas de televisão, as telonas de cinema e muito mais. Seu rostinho de vinte anos vem atravessando gerações. Afinal, *Orgulho e preconceito* nunca sai de moda, não é mesmo?

Confira a seguir uma pequena fração da enorme variedade de adaptações que a trama, criada em 1813 por Austen, influenciou. Você vai se surpreender como os rumos que essa história pode tomar.

*O diário
de Bridget Jones*
**Série de livros (iniciada
em 1998) e de filmes
(iniciada em 2001)**

Bridget Jones, interpretada por Renée Zellweger, é uma mulher de 32 anos que decide tomar o controle de sua própria vida. Assim, na noite de Ano Novo, ela começa a escrever um diário, dando origem ao mais provocativo, erótico e histérico livro que já esteve na cabeceira de sua cama. Nele, ela irá colocar, também, suas opiniões sobre os mais diversos assuntos de sua nova vida. A personagem traz revelações a cada capítulo, tratando, com muito humor, das suas qualidades, defeitos e de situações do dia a dia, . Cada capítulo do livro trata de um dia na vida de Bridget, que sempre inicia os seus relatos contabilizando seu peso e as calorias, os cigarros e as unidades alcoólicas que consumiu no dia anterior.

*Death Comes
to Pemberley*
**Minissérie britânica
(2013)**

Nesta reinterpretação, vemos a obra de Jane Austen ser arrastada para um caminho muito mais sombrio. Baseada no

livro de P. D. James de mesmo título e com os clássicos personagens de *Orgulho e Preconceito* (1813), o drama mostra como a propriedade do casal Lizzie e Darcy se torna palco de um misterioso assassinato, em plenos preparativos para um baile. Claro, o terrível acontecimento envolve todos os habitantes do local, causando uma enorme confusão!

Austenlândia
Filme (2013) e livro
(edição brasileira de
2014)

Escrito por Shannon Hale e traduzido por Regiane Winarski, Jane Hayes tem 33 anos e mora na Nova York atual. Bonita, inteligente e com um bom emprego, guarda um segredo constrangedor: é obcecada pelo Sr. Darcy, personagem criado por Jane Austen. Com uma vida amorosa lamentável, Jane decide aceitar seu destino: noites solitárias no sofá assistindo a Colin Firth em *Orgulho e Preconceito*. Contudo, ao ganhar uma viagem de férias para Austenlândia – um misterioso lugar onde todos devem se portar como se estivessem em uma obra da consagrada escritora –, ela tem a chance de viver o romance que sempre sonhou, em uma tentativa de a vida imitar a arte. O livro foi adaptado para os cinemas, com Keri Russell como protagonista.

***Jane Austen's Pride and
Prejudice Celebrating
Peça Britânica (2015)***

Em comemoração ao aniversário de duzentos anos do Theatre Royal Bury St Edmunds, no Reino Unido, o diretor Marcus Romer lançou uma peça com roteiro adaptado de Simon Reade, baseada na obra *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. Nela, a única coisa que importa para Mrs. Bennet é casar todas as suas cinco filhas com homens ricos e proprietários de terras. Enquanto as irmãs Bennet buscam desesperadamente o amor na comédia romântica definitiva de Jane Austen, é o Sr. Darcy quem involuntariamente encontra seu par. A adaptação mantém a reflexão acerca da loucura de julgar pessoas pelas primeiras impressões e zomba das afetações e etiquetas da vida provinciana.

***Orgulho e paixão
Telenovela brasileira
(2018)***

Escrita por Marcos Bernstein e exibida pela TV Globo em 2018, é livremente inspirada em diferentes universos de Jane Austen. A trama é ambientada no início do século XX e conta a história de Elisabeta Benedito, uma jovem libertária de muita personalidade, que enfrenta os conflitos sociais e de con-

duta inerentes ao seu tempo. Seus sonhos e o que a sociedade enxerga para ela são separados por um abismo. Totalmente avessa aos ideais da época, ela sequer sonha em se casar e quer mesmo é ser livre. Tem como ser mais Austen?

Orgulho e preconceito **HQ Disney (2021)**

Sim, Jane Austen chegou ao mágico mundo Disney. Nessa adaptação, o clássico romance de 1813 ganha um toque para lá de especial: a famosa patinha Margarida dá vida a Elizabeth Bennet, que, claro, vive com sua família no interior da Inglaterra do século XIX. Com o aristocrata Donald Duck (Pato Donald), *corrigindo*, Donald Durcky, ela viverá uma intensa paixão, cheia de atritos e muitos desencontros. Quando pensamos que já vimos esses personagens clássicos de todas as formas possíveis... E é essa mistura de humor e romance que torna essa história única.

Outras adaptações

2001

O diário de Bridget Jones,
Helen Fielding
Série de livros (1998-2016)
Série de filmes (2001-2016)

*Pride and Promiscuity: The Lost
Sex Scenes of Jane Austen*
Dennis Ashton

2005

21st. Century Austen
Rosie Rushton
Série de livros (2005-2012)

2007

*Lost in Austen: Create Your
Own Jane Austen Adventure*
Emma Campbell Webster

2008

Affinity and Affection
Susan Adriani

2009

The Trials of the Honorable F. Darcy
Sara Angelini

Prada & Prejudice
Mandy Hubbard

*Dancing with Mr. Darcy:
Stories Inspired by Jane Austen
and Chawton House*
Sarah Waters

2010

*The Phantom of Pemberley: A
Pride and Prejudice Murder
Mystery*
Regina Jeffers

*The Man Who Loved Pride
& Prejudice: A Modern Love
Story with a Jane Austen Twist*
Abigail Reynolds

Orgulho e Preconceito e Zumbis
Seth Graham Smith [Ed. Port.]

Pride and Penalties
Chris Higgins

*Pérolas ou Pegas (Diário de uma
encenqueira, vol. 2)*
Grace Dent

The Jane Austen Diaries
Jenni James
Série de livros (2010-2022)

2011

Death Comes to Pemberley
P. D. James

Epic Fail
Claire Lazebenik

Fitzwilliam Darcy, Rockstar
Heather Lynn Rigaud

*Mr. Darcy Goes Overboard:
A Tale of Tide & Prejudice*
Belinda Roberts

Prom and Prejudice
Elizabeth Eulberg

*Eu fui a melhor amiga
de Jane Austen*
Cora Harrson

2013

Talia Vance
Spies and Prejudice

Snark and Circumstance.
Série de Livros (2013-2014)
Stephanie Wardrop

Well Played
Katrina Ramos Atienza

*Pride, Prejudice
and the Perfect Match*
Marilyn Brant

At the Edge of the Sea
Karen M. Cox

2014

Austenlândia
Shannon Hale

2015

*Vanity and Vexation: A Novel of
Pride and Prejudice*
Kate Fenton

2018

Death Comes to Pemberley
P. D. James

“Eu odeio ouvir você falar sobre todas as mulheres como se fossem excelentes damas em vez de criaturas racionais. Nenhum de nós quer estar em águas calmas durante toda a nossa vida.”

Jane Austen

Duzentos anos com rostinho de vinte: a influência de Orgulho e preconceito em novas produções analisa o romance de Jane Austen para entender sua influência na cultura pop atual. Lançado há mais de duzentos anos, *Orgulho e preconceito* continua arrebatando leitores em todos os cantos do mundo. Nesta análise original, Iris Figueiredo discorre sobre como a obra bicentenária impacta criações culturais contemporâneas, discutindo, principalmente, o papel e o comportamento da mulher na sociedade, com destaque para temas como o riso feminino e o casamento. Além disso, você encontrará análises comparativas das obras *O diário de Bridget Jones*, romance de 1996 considerado o pai da *chick-lit*, e *The Lizzie Bennet Diaries*, websérie de 2012, ambas inspiradas no clássico de Jane Austen.